

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**SABRINA MEDEIROS**

**OS CUIDADOS E AS PRÁTICAS PTERNAS NA ÓTICA DE MÃES:  
EXPERIÊNCIAS E RELATOS DE UM GRUPO ONLINE DE  
MULHERES**

Florianópolis, 2019

SABRINA MEDEIROS

**OS CUIDADOS E AS PRÁTICAS PATERNAS NA ÓTICA DE MÃES:  
EXPERIÊNCIAS E RELATOS DE UM GRUPO ONLINE DE MULHERES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Victorino Devos

Florianópolis, 2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Medeiros, Sabrina

OS CUIDADOS E AS PRÁTICAS PATERNAS NA ÓTICA DE MÃES: :  
EXPERIÊNCIAS E RELATOS DE UM GRUPO ONLINE DE MULHERES /  
Sabrina Medeiros ; orientador, Rafael Victorino Devos,  
2019.

72 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, , Graduação em  
Ciências Sociais, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

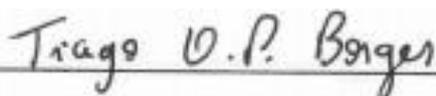
1. Ciências Sociais. 2. Maternidade. 3. Paternidade. 4.  
Divisão dos cuidados. 5. Facebook. I. Devos, Rafael  
Victorino. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

SABRINA MEDEIROS

**Os cuidados e as práticas paternas na ótica de mães: Experiências e relatos de um grupo online de mulheres**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Ciências Sociais” e aprovado em sua forma final pelo curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Florianópolis, 01 de Julho de 2019.



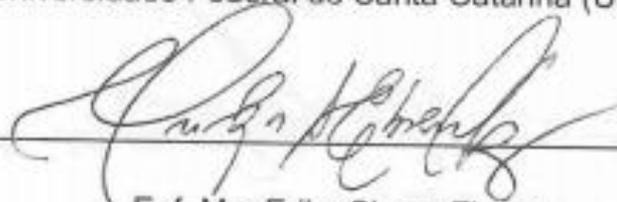
Prof. Dr. Tiago Daher Padovezi Borges  
Coordenador do Curso

**Banca examinadora:**



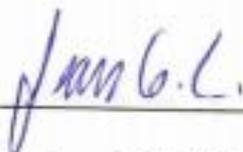
Prof. Dr. Rafael Victorino Devos  
Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



Enf. Ma. Erika Simas Ebsen

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



Prof. Dr. Jean Gabriel Castro da Costa  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Dedico este trabalho a memória de minha mãe, por me conceder a vida, ser fonte de amor inesgotável, pelo orgulho que sempre teve em minhas escolhas e por todo incentivo. Também dedico este trabalho a minha família, meu filho e meu companheiro base de amor, confiança e muitos aprendizados nesta jornada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma estiveram, e estão, próximos a mim fazendo a vida valer a pena.

Meu filho amado Bento, que nasceu no meio desse processo e mudou minha forma de ver e sentir no mundo. Meu companheiro Tobias, pela calma, amor e dedicação. Minha sogra Lodi, pelo apoio e suporte, por ser uma fonte inesgotável de amor e cuidado com meu filho, além de ser uma mulher de fibra que me inspira. Ao meu sogro Evaldo e meu cunhado Daniel, pelo constante incentivo, assim como por todos os momentos que foram uma “aldeia” nos cuidados com o Bento tornando possível o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço minhas irmãs Kelly e Chris, por compartilharem a vida comigo, e de formas distintas, reconhecendo a importância que os estudos promovem em nossas vidas. À Kelly, ainda agradeço os “ouvidos”, as constantes conversas e a grande disposição que sempre teve em me entender.

Agradeço todos os amigos e colegas que cultivei nesses anos de UFSC, em especial Binah Ire, amiga, madrinha do meu filho e uma mulher de luta, que desde os primeiros momentos do nascimento de nossa amizade esteve presente e foi fundamental para que eu não desistisse desse sonho. Everson Fernandes, por ser um amigo especial com quem sempre contei, seja para rir ou chorar, por ser um amigo que me inspira e me enche de orgulho.

Fernando Torquato, um grande amigo, uma alma generosa em momentos difíceis, sempre contribuindo com seus resumos e textos, para que mesmo no hospital cuidando de minha mãe, não ficasse com as matérias atrasadas, além é claro, de uma companhia iluminada, sempre, promovendo a alegria e boas risadas.

Meu amigo Yuri Brah, companheiro de aventuras, de casas, de viagens e de muitas questões. Amigo que sempre esteve ao meu lado, incentivando e também promovendo muitas reflexões, batendo as melhores fotos e compartilhando o que a vida tinha a nos oferecer, seja ovos fritos ou bons vinhos.

A todos meus companheiros da turma 2011/02 em especial Daniela Amorim, Evelyn Fogaça, Luiza Ferreira, Laís Eloá, Fernanda Ferzola, Luciana Freitas, Adriana Barbaresco, Tamires Madeira, Christiane Fortes, Jackson Antunes, Guilherme Henneman, Fernando Montanari, Claudia Rudnick entre outros, por compartilharem momentos especiais ao longo dessa jornada, e por ser uma turma tão especial.

Aos colegas do NIGS (Núcleo de Identidades, Gênero e Subjetividades) e a turma de Métodos II, ministrada pela Professora Miriam Grossi, em especial a Flávia, Gabriela, Daniele, Mônica, Saleh, Ben, entre outros. Por ser uma turma que promoveu muito além do conhecimento coletivo, uma grande troca de afetos.

Também gostaria de agradecer a alguns professores, em especial meu orientador, Prof. Rafael, que topou essa aventura que foi me orientar. O professor Jacques Mick, sempre tão generoso e fantástico. Professora Miriam Grossi, por todo conhecimento e tantos momentos compartilhados, por me fazer perceber feminista e contribuir para que nosso grupo seja cada vez maior.

Ao professor Jean Castro por ser tão solícito e compreensível, além de tantos outros professores que contribuíram para minha formação e para que hoje eu concluísse essa etapa. Aos Servidores Rose e Rogério por serem sempre tão solícitos, competentes e simpáticos, e por me ajudarem sempre.

Em especial meus amigos de “vida”, Mateus Fogaça, por cada palavra, cada momento, cada sentimento, por ser um porto seguro emocional sempre. Fabiano Aguiar, meu amigo de ensino médio, de vida, de grupo de jovens, de diversão, que

virou um irmão, esteve sempre nos melhores e piores momentos da minha vida, por ser um amigo que eu aprendo e admiro demais, que esteve sempre ao meu lado. Ricardo Castro, pela acolhida, pelo incentivo, pelo carinho e ótimas conversas, por sempre me despertar a prestar atenção em todos os lados de uma história, por embalar nossos dias ao som das melhores músicas e por ser um amigo especial. Débora Lutz, amiga e prima, que sempre esteve na torcida, mandando boas energias e compartilhando muitos momentos. Por todo o carinho e incentivo.

A todas as mulheres do Grupo Mulheril, principalmente as que se dispuseram a participar dessa pesquisa. A Erika Simas Ebsen, que a princípio seria uma das minhas entrevistadas, e com a troca de metodologia acabou ocupando um lugar especial neste trabalho aceitando o convite para fazer parte dessa banca, por ser sempre tão solícita e gentil, compartilhando seu conhecimento comigo.

Aos demais colegas e familiares, em especial minha avó Perpétua (Peta), mulher corajosa e destemida, exemplo de força, com quem eu sempre pude contar, onde sempre tem uma boa xícara de café, ou um gostoso prato de comida a esperar. Por ter me acolhido sempre que necessário, e por ouvir meus longos discursos, estar sempre disposta a aprender e por ser uma mulher muito a frente de seu tempo e que mesmo sendo impedida de estudar em sua juventude, sempre batalhou para que suas filhas tivessem acesso aos estudos.

Minhas tias Eliane e Rosinete, por acreditarem em mim, manifestarem sempre seu orgulho e admiração, além de sempre emprestarem seus ouvidos para eu reclamar das coisas, em especial a política. Tia Eliane, por me dar livros sempre, e ser uma grande incentivadora.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para que este dia chegasse.

## **ABSTRACT**

**Keywords: Facebook, Families, Parenting, Maternity, Social Roles, Sexual Division of Labor.**

Social networks have enabled an innovative way of communicating, discussing certain agendas, and all in real time. Through participation in “Mulheril Materno”, an online group of women mothers on Facebook, I relate the answers obtained through the application of a targeted online questionnaire, as participants shed light on the debate on recurrent paternity themes, highlighting terms such as “father” selfie and present father ”and using them as categories of analysis. I also reflect on the sexual division of labor and the inequalities in the daily participation of care, from the perspective of these women and thus relate concepts about the formation of the patriarchal family and machismo to think about some possible hypotheses regarding their experiences. Having as research field Facebook, I analyze social networks as an important space for communication, as well as a tool that contributes to the elaboration of analyzes from a certain context and clipping.

## RESUMO

Palavras-chave: **Facebook, Famílias, Paternidade, Maternidade, Papeis Sociais, Divisão Sexual do Trabalho.**

As redes sociais possibilitaram uma forma inovadora de nos comunicarmos, de discutirmos determinadas pautas, e, tudo isso em tempo real. Através da participação no “Mulheril Materno”, um grupo online de mulheres mães no Facebook, relaciono as respostas obtidas na aplicação de um questionário online direcionado, à forma que as participantes dão luz ao debate de temas recorrentes a paternidade, evidenciando termos como “pai de selfie e pai presente” e utilizando-os como categorias de análise. Reflito também sobre a divisão sexual do trabalho e as desigualdades na participação cotidiana dos cuidados, a partir da ótica dessas mulheres e assim relaciono conceitos sobre a formação da família patriarcal e o machismo para pensar algumas possíveis hipóteses em relação a suas experiências. Tendo como campo de pesquisa o Facebook, analiso as redes sociais como um importante espaço de comunicação, além de uma ferramenta que contribui para a elaboração de análises a partir de um determinado contexto e recorte.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Meme “pai de selfie” compartilhado no Facebook.....	34
<b>Figura 2</b> - Foto da postagem relacionada à entrevista do jornalista em um grupo sobre paternidade no Facebook.....	34
<b>Figura 3</b> - Fotos da postagem relacionada aos tipos de mensagens são compartilhadas nas redes. No texto, a avó fala sobre suas vivencias e como seus netos são criados a partir de padrões de masculinidade revistos.....	35
<b>Figura 4</b> -Postagem relacionada ao dia dos pais, onde os pais separados fazem textos e fotos, mas não estão em dia com suas obrigações.....	35
<b>Figura 5</b> - Foto da postagem relacionada á divisão igualitária de tarefas.....	36
<b>Figura 6</b> Foto da postagem relacionada a criação e compartilhamento de cuidados.....	36
<b>Figura 7</b> - Layout do meu mural ou feed de noticias.....	38
<b>Figura 8</b> - Emojis usados para manifestar a reação em postagens.....	41
<b>Figura 9</b> - Layout do grupo Mulheril Materno- feminismos e a maternidade.....	42
<b>Figura 10</b> - Cartaz de J. Howard Miller.....	43
<b>Figura 11</b> - Layout das ferramentas e configurações disponíveis ao criar um grupo no Facebook.....	44
<b>Figura 12</b> - <i>Feed</i> do Grupo Mulheril Materno.....	45
<b>Quadro 1</b> - Perfil Socioeconômico das participantes da pesquisa.....	50
<b>Quadro 2</b> - Continuação do Perfil Socioeconômico das participantes da pesquisa. .51	
<b>Figura 13</b> - Gráfico referente à proporção da faixa etária dos filhos.....	52
<b>Figura 14</b> - Gráfico referente à proporção de entrevistadas que curtem conteúdos relacionados à paternidade.....	52
<b>Figura 15</b> - Gráfico referente à proporção de entrevistadas que compartilham conteúdos relacionados à paternidade.....	53
<b>Figura 16</b> - Gráfico referente à reação dos pais ao receberem conteúdos relacionados à paternidade.....	53

<b>Figura 17</b> - Gráfico referente aos pais que, segundo as mães, curtem ou compartilham conteúdos relacionados à paternidade.....	54
<b>Figura 18</b> - Gráfico referente a conteúdos relacionados aos termos “pai de <i>selfie</i> ” e “pai presente”.....	55
<b>Figura 19</b> - Gráfico referente à “tipologia” de paternidades identificadas pelas entrevistadas.....	56
<b>Ilustração 20</b> - Gráfico referente à relação das participantes com seus pais.....	59

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 FAMÍLIAS, ARRANJOS E LAÇOS.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 A herança patriarcal na família brasileira .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2 Divisão sexual dos cuidados nas famílias .....</b>	<b>21</b>
<b>2.3 Laços cuidados e afetos .....</b>	<b>26</b>
<b>2.4 Pai de Selfie, Pai Presente .....</b>	<b>28</b>
<b>2.5 Ações e políticas públicas na promoção do debate sobre maternidade e paternidade.....</b>	<b>30</b>
<b>3 COMUNICAÇÃO EM REDE.....</b>	<b>33</b>
<b>3.1 O Facebook.....</b>	<b>39</b>
<b>3.2 O Grupo .....</b>	<b>44</b>
<b>4 METODOLOGIA DE PESQUISA .....</b>	<b>49</b>
<b>4.1 Os caminhos de pesquisa .....</b>	<b>51</b>
<b>4.2 Ferramentas de Pesquisa .....</b>	<b>52</b>
<b>5- RESULTADOS DE PESQUISA.....</b>	<b>53</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>64</b>
<b>7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>68</b>
<b>APÊNDICE A - As práticas paternas nas últimas décadas e o papel do Facebook na construção desses novos modelos de paternidade.....</b>	<b>72</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O papel social da família ocidental foi se reorganizando a medida que a sociedade também se reconfigurava. Segundo Giddens (1993) foi o "... estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVIII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência".

As transformações sociais, econômicas e culturais ao longo da história, e principalmente nas últimas décadas, nos permitem refletir sobre as mudanças na forma de se relacionar. Para Giddens (1993) as transformações da sociedade também se estabelecem a partir das transformações das intimidades.

No Brasil, Claudia Fonseca (2007) nos diz que os estudos sobre família e parentesco tiveram um momento de "pouca popularidade" nas últimas décadas entre os pesquisadores das ciências sociais. Contudo, revela a importância para novos estudos no Brasil e no mundo e destaca a participação decisiva, e nem sempre reconhecida, das pesquisadoras feministas.

No primeiro capítulo deste trabalho e através dos escritos das pesquisadoras Claudia Fonseca (1997), Cynthia Sarti (2010), faço um breve resgate sociológico sobre essas transformações nas configurações familiares. Sobre a formação da *família brasileira*, vista em Darcy Ribeiro, (FREYRE, 2006) reflito o sistema patriarcal em nossa sociedade, além de discorrer a respeito da cultura machista como herança desse processo.

Com os conceitos da socióloga Heleieth Saffioti (1987), em o "poder do macho" trato das relações de poder dos homens em relação às mulheres. Quanto ao debate sobre as práticas paternas, reviso as autoras Tânia Salem (2005), Elizabeth Banditer (1985) e seus respectivos conceitos de "casais igualitários" e "o mito do amor materno", para então discorrer sobre a construção do papel social do pai e da mãe em nossa sociedade, e também as novas perspectivas em relação aos cuidados paternos.

A utilização das tecnologias, e tratarei aqui da mediação via computador com acesso à internet, revolucionou o nosso campo de atuação enquanto pesquisadores, a nossa maneira de aprender, e ampliou o significativamente o alcance de materiais escritos e visuais, em todos os campos do conhecimento. Essas mesmas transformações nos proporcionaram conhecer muitos lugares sem sair de casa, criar

laços, espaços de comunicação, de troca e aprendizado, e tudo isso ao clicar de um botão.

No segundo capítulo, avanço no debate sobre a utilização das redes sociais online, em especial o Facebook, realizando uma breve contextualização teórica sobre as redes, em Castells (2005). Além de realizar uma análise das funções sociocomunicativas da rede social em questão, dialogo também com os escritos do antropólogo Juliano Spyer (2017), através de sua recente pesquisa/livro “mídias sociais no Brasil emergente” para traçar alguns aspectos comuns acerca das relações sociais estabelecidas no Facebook.

Início o terceiro capítulo identificando o método utilizado na elaboração dessa pesquisa, além de traçar os caminhos utilizados e o tipo de ferramentas de necessárias para a produção deste trabalho. Na sequência faço uma apresentação do grupo “Mulheril” a partir de conceitos sobre grupos sociais para então apresentar os resultados da pesquisa através do levantamento de números, gráfico e a interpretação dos mesmos. Por fim, no quarto e último capítulo desta pesquisa desenvolvo algumas hipóteses acerca dos resultados e desenvolvo minhas considerações finais.

## 2 FAMÍLIAS, ARRANJOS E LAÇOS

Os estudos sobre família e suas dinâmicas, representam significativas contribuições para as pesquisas na área das Ciências Sociais. No entanto, é preciso diferenciá-los:

O parentesco, entretanto, não é a mesma coisa que a família. Há uma diferenciação importante. O parentesco e a família tratam dos fatos básicos da vida: nascimento, casamento e morte. Mas a família é um grupo social concreto e o parentesco é uma abstração, é uma estrutura formal. Isto quer dizer que o estudo do parentesco e o estudo da família são coisas diferentes: o estudo da família é o estudo daquele grupo social concreto e o estudo do parentesco é o estudo dessa estrutura formal, abstratamente constituída, que permeia esse grupo social concreto, mas que vai além dele. (SARTI, 1992)

Parentesco é um sistema de relações que pode ser estabelecido por ancestralidade (sangue) ou por afinidade (o casamento). Levi-Strauss (1982) dedicou-se a estudar materiais etnográficos de vários grupos sociais e percebeu que as regras de parentesco podem variar muito em cada sociedade, no entanto, constatou que existe uma regra chave que se aproxima nessas diferentes culturas: O tabu do incesto.

Esse princípio determina as relações entre as pessoas considerando que em algumas culturas elas não podem se casar nem ter filhos. Nem sempre essa relação é proibida apenas a um irmão-irmã, pai-filha consanguíneos,mas, é a existência da regra que é universal, que por sua vez estabelece a diferença entre consanguíneos e aliados

Ao estabelecer as práticas paternas como o tema desta pesquisa, o conceito de parentalidade é apropriado para a compreensão dessas dinâmicas. A palavra “parentalidade” é uma derivação do termo original em inglês “parenting”, e, é utilizado para descrever um conjunto de práticas e cuidados desempenhados pelos adultos responsáveis da assecuridade da criança.

A ideia de parentalidade, nesse contexto, diz respeito aos cuidados para além do papel exclusivo de pai e mãe biológicos, ou de famílias nucleares, é uma rede de cuidados e responsabilidades e afetos compartilhados por aqueles que

asseguram a integridade da criança, como previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>1</sup>.

Ao tratar das relações familiares é preciso considerar o tipo de arranjo familiar que estamos falando. Por isso, escrever sobre essas relações pode ser complexo (FONSECA, 2001) e também revelador, se considerarmos as transformações sociais, econômicas e culturais nas últimas décadas e as inúmeras possibilidades que esses arranjos e laços são vivenciados.

Cláudia Fonseca (2002) nos traz alguns exemplos baseados em suas pesquisas sobre famílias, uma delas é a forma como o papel do pai é ocupado pelo avô, tio, ou qualquer figura masculina que exerça algum tipo de responsabilidade e cuidado em relação à criança. Para a autora essa rede de apoio se fortalece em situações específicas a necessidade das mães e pais de trabalharem, a falta de estrutura social como creches e escolas, além de casos de separações conjugais, entre outros.

A circulação de crianças nessas redes de apoio, que pode ser consanguínea ou não, nos mostra como o papel social da família e seus membros são entendidos e como são abrangentes. Essas redes, em especial, foram observadas na região periféricas de Porto Alegre, onde a autora realiza sua pesquisa, e conforme o relato de seus entrevistados, muitos afirmam, por exemplo, ter mais de uma mãe, ou pai. A Autora nos indica ainda que também na Europa, jovens casais recorrem a uma rede de apoio nas rotinas do cuidado, e que esse tipo de organização tem assumido destaque, segundo a autora:

No Brasil, há indicações que a rede consanguínea nunca deixou de ser relevante. A importância da parentela extensa aparece com nitidez em grupos populares onde, diante das difíceis condições de vida e frequente separação conjugal, as redes de ajuda mútua tornam-se indispensáveis. Porém, mesmo nas camadas médias onde, em princípio, o ideário individualista é mais destacada (Salem 1989, Duarte 1995), a falta de equipamentos públicos (creche, escola em tempo integral...) obriga o jovem casal a depender dos pais, tios, primos e irmãos para cuidar dos filhos e amparar nas demais rotinas do dia-a-dia (Abreu Filho 1980, Barros 1987, Bilac 1995). Em todo caso, estudos mostram que, até na Europa, as redes familiares estão assumindo novo destaque. (Fonseca, 2002).

---

<sup>1</sup> “Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. [\[incluído pela Lei nº 13.257, de 2016\]](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)”. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)

Elisabeth Badinter (1993) discorre como as mulheres estariam condicionadas a maternidade devido à idealização de um “instinto”, como algo compulsório. Nesse sentido, ela trata da estrutura de cuidados e descreve que por muito tempo a elas caberia parir e cuidar, e, aos homens, viris e proativos, caberia à proteção, a responsabilidade voltada o sustento da casa.

No livro “O mito do amor materno” as percepções em torno da maternidade, revela que mesmo passando por tantas transformações, o amor materno ocupa um lugar sagrado no imaginário coletivo, Badinter (1993) identifica Maria, mãe de Jesus, como um símbolo desse amor, e como essa ideia que coloca a mulher num lugar de sagrado, intocável, amorosa e contribui para que esses estereótipos relacionados a maternidade ainda ocupe esse imaginário social.

Para Sarti (2010), devemos pensar a família para além de uma instituição padronizada, tendo como modelo a família nuclear burguesa (pai, mãe e filhos). Para a pesquisadora família é uma realidade que se constitui pelo discurso de si própria, e, é através desses significados que assimilamos as regras na qual estamos inseridos. Nesse sentido, já nos primeiros momentos de vida, inseridos em um ambiente familiar qualquer, estamos captando e desenvolvendo não apenas uma forma de se comunicar, mas também um mundo de simbologias e padrões sociais dados nessa relação.

Cabe ainda ressaltar, que as tecnologias avançam também em relação às novas perspectivas de organização familiar. As técnicas de fertilização e a necessidade de pais que estejam envolvidos em algum tipo de relação tornam-se uma escolha pessoal, reconfigurando o olhar da maternidade em relação à paternidade.

Marilyn Strathern (1995) causou um furor através de seu estudo polêmico sobre as chamadas “mães virgens”, mulheres que decidiram engravidar e ser mães sem a necessidade de um marido ou do próprio ato sexual (dando início as discussões sobre as novas formas de reprodução), recusando um dos fundamentos da maternidade, a necessidade de pais.

No Brasil, essas relações estão sendo repensadas e esses laços estão se tornando “esgarçados” (SARTI, 2010), e as famílias se transformam conforme os contextos sociais vão se revelando. Conforme Ferrari; Kaloustian (2002):

A família, da forma como vem se modificando e estruturando nos últimos tempos, impossibilita identificá-la como um modelo único ou ideal. Pelo contrário, ela se manifesta como um conjunto de trajetórias individuais que se expressam em arranjos diversificados e em espaços e organizações domiciliares peculiares.

Pensar em políticas sociais voltadas as famílias implica pensar na própria concepção de família, qual recorte de classe, raça, gênero ou ainda se trata de familiares de pessoas com deficiência, com necessidades especiais, etc. Para Sarti (2010) é justamente a dificuldade de se relativizar o ponto de vista de cada indivíduo nessa relação que impossibilita um avanço nessas questões. Para a autora, nas políticas sociais, para a transformação do lugar do outro é necessário mudar o lugar que nos colocamos perante aos demais.

## **2.1 A herança patriarcal na família brasileira**

O termo “patriarcado” que do grego significa “poder do pai”, apresenta características sociais baseadas na relação de poder que a figura paterna exerce, seja como “chefe de família”, nas relações de liderança política, como detentor da moral religiosa que é privilegiado socialmente e possuidor do controle das propriedades (DELPHY, 2009).

Para Safiotti (2004) esse poder adquirido a partir de um determinismo biológico, onde mulheres e homens são diferenciados por tipos de atividades que desempenham, ou deveriam desempenhar, são baseadas nas relações de gênero, ou seja, nesse contexto as relações são desiguais e hierárquicas de dominação e exploração das mulheres, crianças e até mesmo em alguns casos, homens mais jovens.

Gilberto Freyre, sociólogo, historiador, ensaísta foi considerado ousado e polêmico ao escrever “Casa Grande e Senzala”, livro que ficou marcado por ser uma das mais traduzidas obras brasileiras no mundo, e que analisa como se constitui o povo brasileiro a partir do processo de “miscigenação”, e de como se consolida a estrutura patriarcal das famílias brasileiras.

Para Freyre (2006), a configuração da casa-grande e da senzala eram os símbolos da formação patriarcal e representaram:

Todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária), de trabalho (a escravidão), de transporte (o

carro de boi, o banguê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao pater famílias, culto dos mortos etc.), de vida sexual e de família (patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o “tigre”, a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo) (p. 36).

(...) a história íntima de quase todo brasileiro: da sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino, do seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas credices da senzala (...). Nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro: a nossa continuidade social. (p. 44).

Roberta Menezes Souza (2014), pesquisadora e Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco, em seu artigo intitulado: *“Casa-grande e Senzala e o patriarcado: um diálogo crítico com a teoria feminista”* realiza uma análise sobre a contribuição das teorias feministas para a investigação do sistema patriarcal vivenciado no Brasil colônia, suas expressões e transformações na sociedade brasileira atual.

Para a autora:

Longe de ter sido superado, o patriarcalismo precisa ser explicado em suas transformações e expressões na sociedade brasileira atual. Como é reinventado, sustentado e perpetuado o patriarcado na contemporaneidade? Quais as manifestações do patriarcado e as formas de resistência a este sistema na sociedade brasileira? (SOUZA, 2014)

Muitas são as formas de o patriarcado se fazer presente em nossa sociedade, segundo Saffioti (2004), pode-se definir como se dão as socializações entre homens e mulheres no regime patriarcal, a partir da ideia do papel da mulher nessa sociedade, segundo a autora as mulheres são basicamente “objetos de satisfação sexual dos homens, produtoras de herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras”.

Sobre o uso do termo patriarcalismo nos estudos feministas, é importante ressaltar que muitas pesquisadoras divergem sobre a necessidade de (ainda) usá-lo enquanto uma categoria analítica. Mary G. Castro e Lena Lavinias (1992) corroboram nesse sentido, para elas o conceito é condicionado ao uso adjetivante “família patriarcal”, ou ainda, substantivado relacionado a um sistema, uma organização ou uma sociedade patriarcal. No entanto, ressaltam que a escolha pela não utilização do conceito se baseia nas ideias de Weber (1964) sobre o termo, onde o sociólogo

entende que o patriarcado se refere a um período anterior ao advento do Estado, sendo, portanto, inadequado falar em patriarcalismo nas sociedades capitalistas.

Os questionamentos com relação ao poder patriarcal foram essenciais e fundamentais para que as mulheres protagonizassem sua própria revolução. Com o movimento feminista as reivindicações sobre o desejo, ou não, de se tornar mãe são pautas importantes, principalmente a liberdade sexual e o direito de sentir desejos e prazeres (ROUDINESCO, 2013).

Esse movimento também foi revolucionário, porque além de estimular autonomia das mulheres, contribuiu com a transformação social do papel do casamento, que antes eram arranjados por familiares, e com a finalidade de reproduzir descendentes e herdeiros, e, que na família pré-moderna são vistos como uma escolha pessoal e por “amor”, o que é questionável em muitas situações.

## **2.2 Divisão sexual dos cuidados nas famílias**

Nas sociedades atuais as disparidades entre homens e mulheres são grandes, seja em relação aos espaços que as mulheres ocupam na política em ou ainda em relação às construções simbólicas sobre o papel de homens e mulheres nessas sociedades. Os estudos antropológicos sobre a origem da dominação sobre a vida das mulheres tenta dar conta desse fato, para dialogar.

Pierre Boudieu (1998), em “A dominação Masculina”, relaciona as semelhanças em relação à dominância masculina entre “Cabila” (do Norte da África) e a cultura ocidental, realizando uma análise social e antropológica sobre a posição dos gêneros nas sociedades. Ele investiga como os papéis sociais de homens e mulheres são estruturadas a partir de uma incorporação do *habitus*, e ressalta que a posição que as mulheres ocuparam (e ainda ocupam) em algumas sociedades, é de submissão total. Para ele “a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça”.

Já a antropóloga Françoise Héritier (1978) desenvolve a teoria da *valencia diferencial* para explicar as relações entre homens e mulheres nos primórdios da humanidade, a autora busca compreender o surgimento da dominação masculina sobre as mulheres e realiza seus estudos em populações africanas, em particular sobre os sistemas da aliança e das ligações familiares. Ela conclui que não é o sexo, mas a fecundidade das mulheres que representa uma grande diferença entre os

dois, e entende ainda que a origem da opressão das mulheres resulta da apropriação desse privilégio pelos homens.

A fim de entender porque as sociedades desenvolveram esse pensamento que desvaloriza o feminino e exalta o masculino a autora busca superar as teorias de Simone de Beauvoir (2000) em relação à reprodução feminina onde o seu lugar fica resumido ao lar, ao privado, ou ainda, as ideias de Engels (1972) que afirma ter sido na idade do Bronze, com o surgimento da propriedade privada, que a opressão das mulheres pelos homens teria surgido, e, que antecedente a isto as sociedades humanas teriam sido totalmente igualitárias.

No entanto o que revela todo o conhecimento antropológico atual refuta a tese de Engels, assim como a de sociedades matriarcais. (HÉRITIER, 1978). Logo, a teoria da *valencia diferencial*, segundo a autora, pode ser entendida como:

O lugar diferente que é atribuído universalmente aos dois sexos numa tabela de valores e assinala a dominância do princípio masculino sobre o princípio feminino. A relação homem/mulher é construída sobre o mesmo modelo que a relação pais/filhos, que a relação irmão mais velho/irmão mais novo e, mais em geral, que a relação anterior/posterior, significando a anterioridade e a superioridade. Esta série de equivalência é universalmente aceita. Que eu saiba, não há nenhuma sociedade, mesmo matrilinear, que atue invertendo estas relações ou simplesmente negando a sua existência (HERITIER, 2002, p. 91-92).

A autora desenvolve a hipótese que nessas primeiras sociedades é a fecundação feminina, e não o sexo, o fator fundamental para entender sobre o dito privilégio das mulheres. Também utiliza a mitologia africana para exemplificar essas relações. “Assim, não é o sexo, mas a fecundidade que faz a diferença real entre o masculino e o feminino, e a dominação masculina (...) é o controle, a apropriação da fecundidade da mulher, enquanto for fecunda” (HÉRITIER, 1996, p. 218).

Segundo Felipi; Itaquí (2015), os papéis de gênero, ou seja, o que cabe a homens e mulheres, só vai torna-se flexível no atual contexto histórico, segundo as autoras:

“Na contemporaneidade novos modelos de família reconfiguram-se. Neles, as fronteiras de identidade entre os dois gêneros (feminino e masculino) são um pouco mais fluídas e permeáveis: a mulher conquistando espaço no mercado de trabalho, atuando também como chefe de família, o homem podendo também cuidar do lar. Há mãe e pais solteiros, uniões homoafetivas com e sem filhos, adoções, produção independente, bebê de proveta”.

Na década de 60, quando a pílula anticoncepcional surgiu, tornou-se um fator fundamental para fosse possível repensarmos a sexualidade feminina, sua subjetividade e o seu papel na sociedade. Uma das pautas nesse momento tratava das escolhas das mulheres que estavam além de uma vida destinada à maternidade. Esse momento da história inicia-se nos Estados Unidos, e logo se espalha por todo o mundo ocidental, é chamada a Segunda onda do feminismo<sup>2</sup>.

Nesse sentido, a família brasileira tem se mostrado em constante transformação, e com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD-IBGE), a socióloga Nathalie Reis Itaboraí (2015), pesquisadora no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Iesp-Uerj) investiga o processo de emancipação das mulheres nas famílias brasileiras entre 1976 e 2012 a partir de uma perspectiva de classe e gênero.

Para a pesquisadora, é importante considerarmos todas as transformações do papel da mulher na sociedade brasileira durante o século XX, como o direito ao voto, o divórcio, a industrialização e acesso ao trabalho e à educação, mas o que se passa a observar são como essas mudanças teriam estimulado o processo de emancipação feminina também na esfera familiar, com destaque para a conquista de autonomia financeira e a redução das taxas de fecundidade, que vêm caindo progressivamente desde os anos 1960.

Esse processo fez com que homens e mulheres revissem as suas atuações na esfera familiar, pois ao mesmo tempo em que as mulheres também se tornam as provedoras do lar o número crescente de desemprego fez com que muitos homens precisassem se readaptar em relação às novas dinâmicas familiares, o que muitas vezes gera algum tipo de conflito e desconforto por parte deles, se considerarmos as referências de masculinidades que foram introduzidas em suas vivências e visões de mundo.

A partir da construção dos papéis sociais de gênero dos indivíduos Saffioti (1987) se posiciona em relação à cultura do que entende por “macho”:

---

<sup>2</sup> “A Segunda Onda Feminista se consolidou no início dos anos 60, dando continuidade às lutas anteriores, como das sufragistas que lutavam pelo direito ao voto. Agora o que estava em debate era a sexualidade feminina, a maternidade, as relações familiares, os direitos reprodutivos e as desigualdades de gênero. Simone Beauvoir com a publicação de O segundo sexo, em 1949, revolucionou o cenário intelectual e político trazendo luz ao debate sobre a natureza “feminina” identificando a ideia do que é ser mulher como o resultado da construção social, não apenas uma condição biológica.

Os homens são ensinados a competir permanentemente: por um emprego, por um salário melhor, pela promoção na carreira, até pelas atenções de uma mulher. A competição constitui, pois, o traço fundamental da personalidade masculina destinada a desempenhar o papel de macho. Não se pode esquecer a agressividade como componente básico da personalidade competitiva. Ademais, a agressividade também integra, necessariamente, o modelo macho. [...] à mulher impõe-se a necessidade de inibir toda e qualquer tendência agressiva, pois deve ser dócil, cordata, passiva. Caso ela seja o tipo mulher despachada deve disfarçar esta qualidade, porquanto essa característica só é positiva quando presente no homem. Mulher despachada corre o risco de ser tomada como mulher macho. (p. 36-37)

Ainda segundo Saffioti (1987):

No seio da família, a dominação masculina pode ser observada em praticamente todas as atitudes. Ainda que a mulher trabalhe fora de casa em troca de um salário, cabe-lhe realizar todas as tarefas domésticas. Como, de acordo com o modelo os afazeres domésticos são considerados “coisas de mulher”, o homem raramente se dispõe a colaborar para tornar menos dura de sua companheira. (p.50)

Assim, quanto à divisão sexual do trabalho, homens e mulheres são separados por atividades supostamente específicas a cada gênero, segundo Kergoat (2009):

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.). Essa forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o da separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres) e o da hierarquização (um trabalho de homem “vale” mais do que um de mulher).

Ainda que as mulheres estejam participando de várias esferas públicas e sociais como a pouco não ocorria, seja na política, em áreas de estudo e/ou de atuação ditas masculinas, a discussão deve ser constante, pois ainda assim elas recebem os menores salários e a própria maternidade faz com que a sua entrada ou permanência no mercado de trabalho seja afetada<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> A pesquisa divulgada pela empresa de recrutamento Catho, mostra que, após a chegada dos filhos, as mulheres deixam o mercado de trabalho cinco vezes mais que os homens. Os dados mostram ainda que 21% das mulheres levam mais de três anos para retornarem ao trabalho. A mesma situação para os homens ocorre em apenas 2% dos casos. A pesquisa mostra ainda que mesmo tendo maior escolaridade as mulheres ganham menos, e o “risco” de engravidar se mostra muitas vezes como a justificativa para tal. Disponível em: <https://www.catho.com.br/carreira-sucesso/colonistas/noticias/mesmo-com-maior-grau-de-escolaridade-mulheres-ganham-menos-que-homens/>

Os números relacionados à divisão de tarefas entre meninos e meninas, por exemplo, nos mostram a importância desses debates, segundo o relatório<sup>4</sup> desenvolvido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), garotas entre cinco e quatorze anos realizam 40% mais tempo por dia em tarefas domésticas não remuneradas.

Essa divisão desigual do trabalho é uma (péssima) maneira de sustentar os estereótipos de gênero, naturalizando a dupla, muitas vezes tripla, jornada de trabalho das mulheres e meninas através das gerações e amenizando a participação masculina nas tarefas e cuidados. O relatório ainda ressalta que o trabalho das meninas é invisível e desvalorizado, acumula muitas vezes a responsabilidade sobre o cuidado de outras crianças da família, assim essas meninas são impedidas de brincar, socializar, estudar e por consequência suas potencialidades acabam tendo menos tempo para serem exploradas e desenvolvidas.

Logo, essas posições de destaque estariam limitadas a mulheres que de alguma forma, possuíssem algum tipo de poder, seja econômico ou cultura<sup>5</sup>, e neste caso, o acesso a políticas públicas, cotas raciais e sociais, bolsa permanência, creches públicas e espaços democráticos que acolham as crianças, impactariam positivamente a permanência dessas mulheres na produção de políticas públicas para outras mulheres, e na promoção do empoderamento.

Por conta deste empoderamento, grupos de mulheres estão promovendo o debate nas redes, assim como em outros espaços sociais, dialogando sobre temas variados, muitos relacionados aos cuidados e a divisão igualitária entre pais e mães, além da concepção de alguns termos que emergem a partir dessas demandas. A carga mental<sup>6</sup> das mães, ou ainda os termos “pai de selfie” e “pai ativo”, que serão debatidos nos próximos tópicos, são definições importantes enquanto categorias de análise, e que servem como referência para a elaboração deste trabalho.

---

<sup>4</sup> Disponível em: [http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/unicef\\_relatorios/violencia\\_na\\_vida\\_de\\_crianças\\_e\\_adolescentes\\_unicef2017\\_ing.pdf](http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/unicef_relatorios/violencia_na_vida_de_crianças_e_adolescentes_unicef2017_ing.pdf)

<sup>6</sup> Carga mental é o trabalho de gestão, organização e de planejamento que é invisível, constante e inevitável, feito pelas mulheres, com o objetivo de assegurar o bom funcionamento da estrutura familiar. Ver mais em: <https://maesnomundo.com/2017/05/26/voce-sabe-o-que-e-carga-mental-e-como-isso-afeta-as-maes/>

### 2.3 Laços cuidados e afetos

O lugar da criança na esfera familiar também se transformou no decorrer da história, e, em determinados contextos sociais. Durante muito tempo a criança não ocupou um lugar de destaque social no grupo familiar, devido a muitas doenças a falta de médicos especialistas, era comum que ela viesse a óbito antes mesmo de completar dois anos (ARIES, 1976).

Com o prolongamento da vida das crianças toda a estrutura familiar sofre uma modificação, e a figura feminina ganha ainda mais destaque em relação aos cuidados. Assim, começa a perpetuar a ideia que cabe somente a elas os cuidados das crianças. Certamente que em recortes de classe diferentes esses cuidados são terceirizados, mas ainda assim estaríamos relacionando esses cuidados a figuras femininas através das “amas de leite”, babás, tutoras.

O papel masculino em relação a esses laços, cuidados e afetos estão em constantemente debate nas ultimas décadas. Para Miriam Grossi<sup>7</sup> (2007) não existe uma mudança exclusiva nesse sentido, essa mudança só acontece porque uma nova relação entre os indivíduos e as organizações familiares está em jogo. Logo, para a pesquisadora, o modelo de família burguesa contemporânea urbana é uma construção social, e os papéis de pai ou mãe dentro desse contexto não podem mais serem vistos como um modelo único, ficando em evidência que é realmente importante para a sobrevivência material e humana dessa criança a participação de todos.

Como tese de doutorado, Tania Salem (2005) realizou uma pesquisa entre jovens casais de classe média no Rio de Janeiro, e formulou o conceito de “casal igualitário” como um ideal a ser adotado por aquelas famílias que estão prestes a “nascer”. Sua pesquisa é realizada, a priori, com casais que estão vivendo o processo da gestação, por isso ela também identifica o conceito de “casal grávido”.

Nessa perspectiva algumas características desta construção social aproximam o pai já nos primeiros momentos da gravidez. Para esses casais o envolvimento desses homens em atividades antes consideradas femininas, como

---

<sup>7</sup> Entrevista, concedida por telefone à IHU On-Line, ver mais em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1182-miriam-pillar-grossi>

roda de conversas, ou cursos especializados nas atividades básicas e cuidados fundamentais nos primeiros da descoberta da gravidez até após o nascimento do bebê, são fundamentais para uma nova perspectiva da parentalidade. Este envolvimento atuante durante a gestação é a primeira característica do casal grávido, a segunda é o compromisso com um parto natural.

No entanto, quando a criança nasce essas relações nem sempre se desenvolvem como o esperado, pois ainda que esses indivíduos pretendam manter uma relação horizontal e igualitária eles se diferem em muitos aspectos e essas representações dos indivíduos comprometidos com a mudança nem sempre são atingidos.

Daniele Kergoat (2010) chama essa condição de paradoxo do “tudo muda, mas tudo permanece igual”, pois ainda que a presença e atuação desses pais sejam diferentes as de gerações passadas, existe toda uma estrutura social condicionada, sempre que possível, recusar essas novas demandas. Ainda sobre o conceito de casal igualitário:

O preceito da igualdade atribui igual valor às identidades sociais e expressa aversão a englobamentos e a hierarquias. No casal, o princípio igualitário se expressa na relação entre gêneros e propõe a indistinção de domínios feminino e masculino. Constata-se a feminização do masculino com exteriorização dos sentimentos pelos homens. Atribuía-se grande valor à mudança e esse princípio, associado ao da psicogenicidade, resulta na representação do indivíduo comprometido com o avanço e o auto aperfeiçoamento. O princípio da mudança informava as distinções geracionais na comparação com os pais, considerados conservadores (LUNA apud SALEM).

No campo da construção dos afetos, os pais que se comprometem com essa “nova paternidade” precisam enfrentar uma série de contradições, ao buscarem exercer sua paternidade de maneira que atendam às novas demandas sociais. Na Consolidação das Leis Trabalhistas<sup>8</sup> (CLT, 2018), por exemplo, temos uma considerável discrepância em relação às licenças-maternidade e paternidade, que são geralmente entre quatro e seis meses para elas, e 5 a 20 dias para eles.

Logo, é preciso destacar que provavelmente as mulheres, em especial as feministas, possuem um papel importante de impulsionadoras nas demandas

---

8

relacionadas a homens mais participativos, seja nas questões subjetivas de seus filhos e companheiras, ou ainda, no engajamento dessas relações familiares.

## 2.4 Pai de Selfie, Pai Presente

Muitos são os tipos de conteúdos que abordam a paternidade no Facebook, são eles textos, fotos, memes<sup>9</sup>, artigos de revistas. Nos últimos anos uma crescente demanda de sites e páginas relacionados à paternidade tem ocupado esses espaços, e com isso surgem alguns termos que nesta pesquisa tornam-se categorias de análise.

O jornalista Marcos Piangers<sup>10</sup> e o “blogueiro” Thiago Queiroz<sup>11</sup>, criador da página “paizinho vírgula!” são alguns exemplos de pais que engajaram essa temática em suas redes sociais. Piangers é jornalista, atuou em rádio e televisão, atualmente realiza palestras voltadas a temas ligados a tecnologia, empreendedorismo e paternidade, além de ser autor dos livros “Papai é Pop I e II”.

Thiago criou o grupo *Criação com Apego* no Facebook, com o intuito de oferecer apoio e acolhimento virtual (e nas palavras dele, muitas vezes presencial também) a esses pais, hoje, ele é certificado como líder pela organização *Attachment Parenting International*<sup>12</sup> e criador do primeiro grupo de apoio oficial no Brasil, além de autor do livro “Abrace seu filho”. Ambos afirmam que foi o nascimento do primeiro filho e as experiências em relação à paternidade inspiraram o engajamento nas redes.

Os termos *pai presente* e pai de *selfie* estão disponíveis em páginas e grupos que discutem paternidade e maternidade no Facebook. A expressão pai de *selfie* é utilizada pejorativamente para relacionar os pais que não são presentes na vida do filho, não se envolvem em seus cuidados, não se responsabilizam por seus filhos em tempo integral e sempre que necessário. É pouco assíduo com os pagamentos, nas

<sup>9</sup> “A expressão meme de Internet é usada para descrever um conceito de imagem, vídeos, GIFs e/ou relacionados ao humor, que se espalha via Internet”. Ver mais em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme\\_\(Internet\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet)). Acessado em 27/06/2019

<sup>10</sup> Página do Jornalista Marcos Piangers no Facebook disponível em: <https://www.facebook.com/marcospiangers/>

<sup>11</sup> Site do Thiago Queiroz disponível em: <https://paizinhovirgula.com/sobre/>

<sup>12</sup> “A Attachment Parenting International (API) é uma organização sem fins lucrativos que visa promover as práticas parentais para a criação de vínculos emocionais fortes e saudáveis entre as crianças e seus pais ajudando a promover e financiar pesquisas sobre o tema. Ver mais em: <http://www.attachmentparenting.org>

visitas, em casos de pais separados, e utiliza a rede para compartilhar fotos com seus filhos, geralmente acompanhada de legendas inspiradoras, contrariando, os fatos mencionados por elas, fazendo com que o uso dessa mensagem em forma de “foto feliz” proporcionasse o apagamento das situações acima citadas e que de certa forma são situações desgastante para a mãe, e muitas vezes para os filhos .

O Advogado da família Rafael Gonçalves, possui uma página profissional no Facebook e já ultrapassa 300 mil seguidores. Nesse espaço o advogado compartilha conteúdos relacionados ao direito da família, e, em uma de suas postagens, de Abril de 2018, no texto intitulado “*Esse texto é pra você, ‘PAI DE SELFIE’*” ele discorre sobre as práticas do que considera significar o termo “pai de selfie”, refletindo sobre a maneira de usar a rede para, nas palavras dele, “*transmitir a imagem de pai de responsável, admirável, prestativo e apaixonante*”. Ainda segundo o autor:

Ser pai no Facebook é muito fácil. Difícil mesmo é agir com responsabilidade e compromisso na verdadeira missão de ser pai, é cuidar e arcar com tudo que o pequeno precisa fora dessa Rede Social fantasiosa. TIRAR FOTO ABRAÇANDO SEU FILHO, COM UM SORRISO DE CANTO A CANTO É FÁCIL. Quero ver a foto acompanhando a mãe as 03h da manhã, quando a criança acordar tossindo, com febre (...). PUBLICAR UMA LEGENDA INSPIRADORA NAS FOTOS, ELEVANDO SUA CONDIÇÃO DE PROGENITOR É MUITO FÁCIL. Quero ver complementar o texto dizendo que o filho está limpo e bem vestido porque a mãe cuidou dele nos últimos 10 dias para que você pudesse passar esses míseros 2 dias ostentando sua condição de pai presente fictício nas redes sociais...(GONÇALVES, 2018).

A palavra Selfie, segundo o dicionário Aurélio, é definida como “fotografia que alguém tira de si mesmo, geralmente utilizando um celular, para divulgar em redes sociais; autoretrato”.

Logo, entendo que “pai de selfie” configura uma possível ação do pai, que através da utilização do autorretrato como um mecanismo de afirmação pessoal, e a partir da divulgação desse conteúdo, hipoteticamente estabelece uma relação de busca pela aceitação e exaltação dos seus méritos enquanto figura paterna através da reação de seus seguidores.

O que é colocado à prova, por essas mães, que buscam na rede uma maneira de mostrar sua insatisfação e reforçar seus discursos sobre as relações familiares e o papel da paternidade que idealizam.

O termo *Pai ativo* ou *Pai Presente* é interpretado por algumas feministas, inclusive as participantes dessa pesquisa, como a representação do pai que está

ciente de suas responsabilidades, que compartilha justamente as tarefas cotidianas e mantém relação afetuosa com seus filhos.

No entanto algumas consideram que essas afirmações deveriam representar qualquer indivíduo que exerça esses cuidados, ou seja, desconsiderando “plus” *ativo* ou *presente*, pois ainda que estejam mais atuantes e presentes, isso deveria ser algo comum.

Pensando sobre esses modelos de paternidade é relevante entender como o movimento feminista luta por uma equidade de gênero, para que novas perspectivas nas relações familiares sejam colocadas em prática, contribuindo vigorosamente na reorganização da divisão sexual do trabalho, e numa participação intensiva e consciente do pai para a criação e cuidados dos filhos de forma igualitária.

Certamente, as questões relacionadas a paternidades ocupam posições complexas e distintas nos debates sobre as dinâmicas familiares, e ao deslocarmos nosso olhar, talvez esses termos não façam algum sentido. Logo, é importante ressaltar que os usos desses termos são referentes a contextos sociais que me permitem criar essas categorias de análise, o quê nem sempre será validado em todas as experiências relacionadas à paternidade.

## **2.5 Ações e políticas públicas na promoção do debate sobre maternidade e paternidade**

O debate sobre o lugar da maternidade e da paternidade na vida das pessoas, nos espaços públicos, e as leis de incentivo a mães e pais, são alguns frutos desse constante despertar nas redes sociais. Foi através de uma postagem no Facebook que a Dra. Fernanda Staniscuaski, bióloga mãe, professora e cientista da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, criou o projeto *Parent in Science*.

A ideia surgiu através de uma postagem em sua página pessoal, relatando a perda de um edital por conta da baixa produtividade no período que tinha se tornado mãe, e como resposta recebeu muitos relatos de colegas que também haviam passado pela mesma experiência.

O propósito de levantar a discussão sobre a maternidade e paternidade dentro do universo da ciência do Brasil tem o intuito de obter dados sobre impacto dos filhos na carreira científica de mulheres e homens e fomentar políticas públicas

que revejam suas normas e técnicas de avaliação, para que as mulheres não sejam desfavorecidas nesses processos e isso foi o que incentivou um grupo de cinco mães e um pai, todos cientistas, a criar o projeto de pesquisa, que também se tornou um simpósio que já está em sua segunda edição.

O segundo simpósio *Parent in Science* ocorreu na UFRGS - Porto Alegre, nos dias 16 e 17 de maio de 2019, e, tive a oportunidade de participar. Nesse evento muitas professoras e pesquisadoras de diversos lugares do Brasil, debateram as experiências sobre o tema em forma de mesas de apresentação de trabalhos e exposição de pôsteres.

Alguns desses trabalhos foram idealizados para o público infanto-juvenil, como a elaboração de uma revistinha chamada “Dona Ciência” promovido pelo grupo de trabalhos GT Mulheres na Ciência UNIFESP, que a cada exemplar conta a história de mulheres cientistas, na ocasião recebemos a primeira edição da revista.

Também tive a oportunidade de conversar com a pesquisadora Laís Gedoz, Mestra em Física pela UFRGS, que relatou a experiência de participar de um projeto de robótica voltado para meninas estudantes do ensino médio, em escolas da região periférica de Porto Alegre.

Segundo a pesquisadora o projeto “Gurias nas Exatas”, um curso de extensão no ensino da física que pretende focar na participação exclusiva de meninas, com intuito de promover a igualdade, um espaço acolhedor de aprendizado, o empoderamento e a promoção de um ensino igualitário. Ela relata algumas falas dessas participantes, que muitas vezes se sentiam ignoradas por seus professores, ou era alvo de provocações da parte dos meninos. E o resultado era a baixa participação e a qualidade de ensino comprometido.

O resultado da pesquisa foi que a capacidade de criação se aperfeiçoa com empoderamento, com um ambiente de ensino acolhedor e com o incentivo. Além do impacto positivo em suas estimas, as participantes sugeriram à direção da escola a criação de uma feira de ciências, para que pudessem mostrar seus trabalhos e incentivar os colegas a participarem.

Ainda sobre o simpósio, o recorrente debate sobre as questões relacionadas à divisão sexual do trabalho também foi levantado. Inclusive houve um chamado de trabalhos que tratasse desse tema, já que foi constatado que em relação aos pais pesquisados o número de publicações não tinha sido tão afetado quanto os das mulheres. Acredito ainda que esses trabalhos podem promover um novo olhar das

meninas, incentiva-las em suas escolhas, mostrar que existem muitas possibilidades, que podem ocupar qualquer espaço, e de alguma forma levantar questões como a maternidade compulsória.

A jornalista Manuela D'Ávila (2018) escreveu recentemente o livro “Revolução Laura”, onde reúne vários escritos sobre a experiência de concorrer ao cargo e viajar pelo Brasil em campanha ao lado de sua filha Laura, de três anos. Ao mesmo tempo em que ela enfrentava uma série de ataques quanto a suas escolhas, a sua forma de matinar e sua posição política, também relata a importância de se ter a possibilidade de unir as responsabilidades maternas com as escolhas profissionais.

Ela acredita que a visibilidade da criança, que antes não ocupava esses espaços, nos faz despertar para a necessidade de políticas públicas que entendam a posição de mães e crianças, e para que a paternidade seja discutida, revista e ressignificada nesse processo.

Num dos trechos de seu livro ela se surpreende ao perceber que também pode ter posições machistas ao cogitar que o companheiro não pudesse ficar com a filha febril para que ela não precisasse cancelar uma agenda. Logo, ela ressalta a importância na divisão igualitária de cuidados, desmitificando a ideia de mulher “poderosa”:

Durante toda a campanha e até hoje, quase todo dia preciso desfazer a imagem que muitas mulheres fazem de mim: como se eu fosse poderosa por dar conta da Laura e do Gui, da campanha presidencial, da minha vida. É preciso dizer: as mulheres que contam com homens que realizam a sua obrigação têm muito mais oportunidades de ir viver a vida fora da maternidade. As mulheres que tem grana para ter creche podem viver muito mais fora da maternidade. E se você, como eu, tem tudo isso saiba que você é uma privilegiada. (...). Todas nós somos poderosas. Imagina o poder de uma mana que cria a filha sozinha? Que tem que dar conta de tudo 100% sozinha só? Que não tem com quem contar quando a grana aperta ou quando fica presa até mais tarde no trabalho? Que chora a noite porque não consegue emprego ou consegue emprego e não tem creche? (pg, 138).

Ainda no campo das políticas públicas, temas como a licença paternidade, afeto e a importância dos cuidados paternos estão disponíveis no “Manual para o exercício da paternidade e do cuidado<sup>13</sup>”, além do relatório “Situação da paternidade no Brasil<sup>14</sup>”. Ambas as publicações são realizadas em parceria com a agência

<sup>13</sup>Disponível em: [https://promundo.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2014/08/promundo\\_manualp\\_07i\\_web.pdf](https://promundo.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2014/08/promundo_manualp_07i_web.pdf)

em: [https://promundo.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2014/08/promundo\\_manualp\\_07i\\_web.pdf](https://promundo.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2014/08/promundo_manualp_07i_web.pdf)

<sup>14</sup>Disponível em: <https://promundo.org.br/recursos/situacao-da-paternidade-no-brasil/?lang=portugues>

Promundo<sup>15</sup> e diversos setores da sociedade, no caso do manual da paternidade, é destinado a profissionais do setor de saúde, da educação e promove o debate sobre evidências das melhores práticas sobre participação de homens e de suas parceiras ou parceiros no exercício da paternidade e do cuidado, do autocuidado masculino e do envolvimento dos homens na saúde materno-infantil.

Já o relatório “Situação da paternidade no Brasil” busca apresentar a situação da paternidade no Brasil em áreas distintas, como Saúde Sexual e Reprodutiva, Saúde Materno-Infantil, Saúde dos Homens, Violência contra a Mulher e a Criança, Mundo do Trabalho, Políticas Públicas, iniciativas da sociedade civil, relação entre a economia e a paternidade e Homoparentalidade.

Procura também mapear os trabalhos e os atores que têm atuado na promoção da paternidade e o cuidado no cenário nacional, bem como apontar as ideias e recomendações que podem ser úteis na discussão da promoção da igualdade de gênero através do envolvimento dos homens na paternidade e no cuidado.

Ainda segundo o relatório “Situação da paternidade no Brasil”:

As reflexões e discussões sobre paternidade também têm movimentado as redes sociais on-line, mostrando o protagonismo dos pais e o seu desejo de expressar emoções, enfrentar o machismo, cuidar de forma plena de seus filhos, dividir as responsabilidades domésticas. (Situação da Paternidade no Brasil, 2016).

Nesse sentido, podemos afirmar que o uso da internet somado a projetos que visam dialogar sobre a maternidade compulsória e os cuidados paternos, são importantes aliados para esse processo, pois possibilita esse fluxo intenso e constante de informações, assim como as redes sociais aproximam determinados grupos que buscam apoio e referências.

### **3 COMUNICAÇÃO EM REDE**

Nunca antes na história nos comunicamos de forma tão rápida e sem obstáculo. Com o surgimento da internet o computador deixou de ser apenas uma fonte conhecimento e passou a ser uma fonte de comunicação, possibilitando assim uma rápida troca de informações entre empresas,

---

<sup>15</sup> Organização não governamental que atua em diversos países do mundo buscando promover a igualdade de gênero e a prevenção da violência com foco no envolvimento de homens e mulheres na transformação de masculinidade.

. Vivemos a era digital, a tecnologia se faz presente e necessária na vida de qualquer cidadão, basta olharmos em volta, ela está em toda parte: ao acessar a internet, utilizar um terminal bancário, fazer compras, pesquisar, etc. O domínio de tecnologias de computação torna-se assim, um fator essencial para um indivíduo estar incluído e participando de forma ativa da atual sociedade.

A compreensão da época em que vivemos apóia-se, cada dia mais, sobre o conceito de rede. A rede atravessa hoje todos os campos do saber – da biologia às ciências sociais, passando pelas ciências exatas – seja como conceito específico, em cada um destes campos, seja como paradigma e imagem do mundo, ou ainda como rede sociotécnicas necessárias a produção do conhecimento (PARENTE, 2000).

A ONU (Organização das Nações Unidas) declarou<sup>16</sup> o acesso à internet como um dos direitos fundamentais do ser humano. Nos últimos anos houve um aumento considerável na quantidade de pessoas que possuem computadores, mas também foi constatado um número ainda maior na compra de aparelhos celulares com acesso a internet<sup>17</sup>. No Brasil, durante a última campanha eleitoral na disputa pela presidência do país, a internet desempenhou um papel fundamental como meio de propaganda e discussão, além de fomentar vários debates em relação à fake news<sup>18</sup>.

Do ponto de vista da teoria democrática, a Internet e os seus sucessores continuarão a ser elementos decisivos para a democratização e para o desenvolvimento, ao suscitarem novas consciências de cidadania, associadas aos novos modos de acção, tanto individuais como colectivos, assim como novas capacidades e competências políticas. (MORGADO; ROSAS, 2010, 126).

Para Castells (2000) a nossa sociedade opera em rede, e essa rede possibilita que os meios de produção estejam interligados mundialmente através dessas inovações tecnológicas, o microprocessador, a comunicação por satélites, a internet, a fibra ótica, entre outras, e através desses meios a noção de tempo e espaço são relativos. Assim, o processamento e o compartilhamento de informações nessa rede são importantes fontes de geração de riquezas na sociedade em rede,

<sup>16</sup>Relatório

disponível

em:

[https://www2.ohchr.org/english/bodies/hrcouncil/docs/17session/A.HRC.17.27\\_en.pdf](https://www2.ohchr.org/english/bodies/hrcouncil/docs/17session/A.HRC.17.27_en.pdf)

<sup>17</sup> Pesquisa disponível em: <https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/pesti2018gvciappt.pdf>

<sup>18</sup> “Fake News” em tradução literal significa notícia falsa. O uso corrente que essas palavras têm tido atualmente não é, porém, uma relação direta entre notícia falsa e mentira. Alguns intelectuais apontam que estamos sob o domínio do “pós-verdade”, isto é, um momento em que notícias falsas são difundidas – principalmente com o advento da internet – importando muito mais as crenças que se pretendeu solidificar do que a veracidade dos fatos em si”.

conciliando com o sistema de produção capitalista que se desenvolve por meio da produtividade e a competitividade.

Na sociedade em rede, as relações se estabelecem e a interlocução desses sujeitos se dá de forma horizontal. Operando em forma conjunta com outros meios de comunicação como jornais; rádio, televisão, a internet possibilitou que os indivíduos elegessem a sua maneira de buscar a informação, e democratizou a própria criação de conteúdos com a criação de blogs, redes sociais, aplicativos de conversa para redes moveis, nesse sentido:

O estudo das redes sociais na Internet, assim, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas. (RECUERO, 2009)

A internet possibilitou o desenvolvimento da Comunicação Mediada pelo Computador (CMC) que vem mudando “as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social” (Recuero, 2009), através das redes sociais, um mundo de significados é possibilitado, a interação é constante e fluida, e o impacto que ela gera na sociedade vai de encontro ao contexto e aos códigos e regras que vão se aprimorando.

Gregory Bateson<sup>19</sup> pensa a comunicação a partir da ideia de enquadramento, nele as interações se dão em quadros de sentido que formam as interpretações e ações dos atores. O sociólogo buscava identificar uma teoria geral da comunicação, decorrente das ideias da cibernética, nela seria possível pensar e identificar como os meios de comunicação podem condicionar determinada mensagem ressaltando palavras, expressões ou apenas ocultando-as, e, dessa forma moldando uma ideia que é apenas o recorte de uma ideia maior e complexa.

Nesse sentido, ele pretende explicar essas questões observando a maneira que a comunicação verbal humana se dá, em vários níveis diferentes, logo, além do nível denotativo, que seria o conteúdo da mensagem em si, também temos o nível metalinguístico e o metacomunicativo (Bateson, 2002, p. 87). No nível metalinguístico a própria mensagem repensa os elementos da linguagem utilizada,

---

<sup>19</sup> Gregory Bateson apresenta sua ideia de enquadramento em um texto apresentado no encontro da Associação Americana de Psiquiatria, em 1954. Intitulado “A theory of play and fantasy”,

já no metacomunicativo, são pensados os elementos que definem a relação entre os falantes.

Na comunicação em rede é possível pensarmos como os conceitos de enquadramento formulados por Beatson (2002) contribuem para a percepção de mensagens, notícias e compartilhamentos de determinados grupos. Nessa pesquisa, onde mulheres de um grupo feministas relatam suas experiências sobre a paternidade, por exemplo, podemos entender o enquadramento como a forma que essa mensagem é transmitida, na forma como percebem as ações desses pais, a própria linguagem e a escolha de palavras e significados.

No entanto, ainda que esse espaço seja definido por várias características e que este grupo se aproxime por tipos de interesses, essas experiências certamente alcançam muitas mulheres e a maneira como se comunicam permitem que os essas discussões, independente da sua posição no contexto dessas percepções, sejam transmitidas. Na sequência, alguns exemplos como essas mensagens podem ser compartilhadas independente da sua posição social e ideológica:

**Figura 1** Figura relacionada ao meme “pai de selfie” compartilhado no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/DrRafaelGoncalves/posts/2020208214901467/>

**Figura 2** - Foto da postagem relacionada à entrevista do jornalista em um grupo sobre paternidade no Facebook



Fonte: Própria Autora

**Figura 3** - Fotos da postagem relacionada aos tipos de mensagens são compartilhadas nas redes. No texto, a avó fala sobre suas vivencias e como seus netos são criados a partir de padrões de masculinidade revistos.



Fonte: Própria Autora

**Figura 4** - Foto da postagem relacionada ao dia dos pais, onde os pais separados fazem textos e fotos, mas não estão em dia com suas obrigações.



Fonte: Própria Autora

**Figura 5** - Foto da postagem relacionada á divisão igualitária de tarefas



Fonte: Própria Autora

**Figura 6** - Foto da postagem relacionada a criação e compartilhamento de cuidados.



Fonte: Própria Autora.

### 3.1 O Facebook

A mais acessada<sup>20</sup> rede social do mundo, o Facebook, foi criada por Mark Zuckerberg e seus colegas de quarto Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, estudantes da Universidade Harvard, iniciando suas operações em 23 de fevereiro de 2004. No Brasil a rede social foi lançada somente em 2008 e aos poucos tomou um grande espaço na vida cotidiana e social das pessoas.

No campo das pesquisas sobre as redes sociais, diversos artigos e trabalhos buscam compreender como essas relações são vivenciadas e de que maneira impactam a vida de seus usuários. O antropólogo Juliano Spyer (2018) realizou uma pesquisa com moradores de uma pequena comunidade litorânea a 100 km ao norte de Salvador, capital da Bahia, essa pesquisa resultou o livro “Mídias Sociais no Brasil emergente” e constatou que a rede torna-se um sucesso entre os moradores, mas também assume um caráter conservador:

Uma das hipóteses que este livro examina é se o interesse pelas mídias sociais tem outras motivações. Por um lado, normalmente

<sup>20</sup> “A liderança no cenário global é ocupada pelo Facebook, com 2,27 bilhões de usuários ativos”. Disponível em: <https://digitalreport.wearesocial.com/>

associamos as mídias sociais à modernidade – alta tecnologia, fibras ópticas, inovação, acesso instantâneo à informação –, mas talvez a popularidade das mídias sociais reflita também como elas fortalecem valores e práticas tradicionais que estão entranhadas em organizações sociais, como famílias estendidas e redes de ajuda mútua. (Spyer, 2018 p. 256).

Gonçalves (2012) relaciona o uso do Facebook à antropologia das emoções, e busca analisar como são construídos esses laços na rede, além da percepção das construções da identidade. Para o autor:

No Facebook, a construção dessa identidade se dá através das descrições pessoais que os atores fazem de si mesmo e das informações que disponibilizam para os demais, como músicas que ouviram, cantores, atores e artistas preferidos, filmes e vídeos a que já assistiram, lugares para onde viajaram, fotos de lugares visitados etc. A identidade vai se constituindo com cada parte dessas adicionada ao seu perfil pessoal e como ele é exibido para os amigos e todos os outros participantes da rede (Gonçalves, 2012)

Antes da chegada do Facebook o tivemos o Orkut, que foi uma rede social filiada ao Google criada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014. As duas têm por finalidade aproximar pessoas, conectar amigos e utilizam uma dinâmica de troca de mensagens em ambientes virtuais, mas cada uma apresentava as suas particularidades.

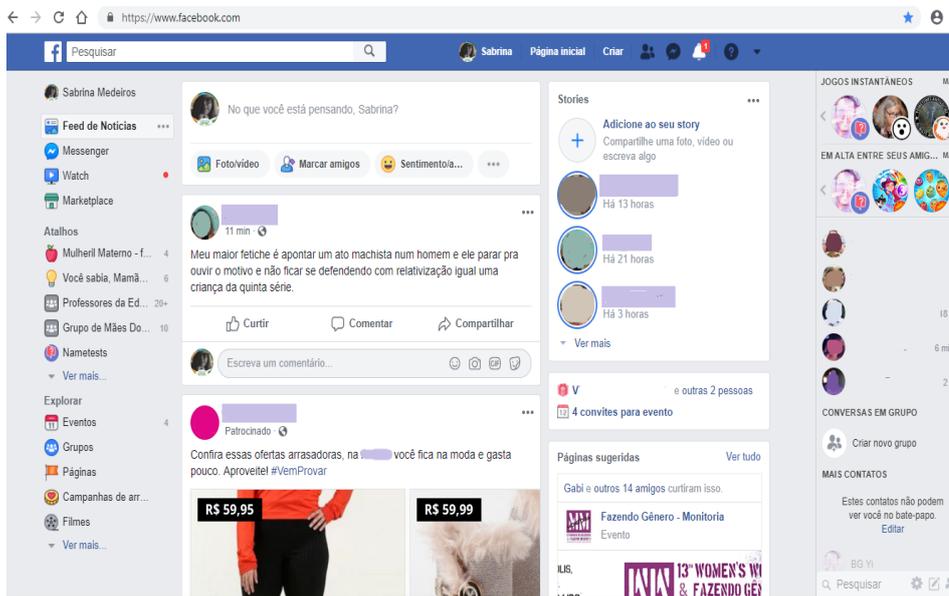
No Facebook é possível criar uma página pessoal ou institucional, inserir fotos, informações, adicionar amigos, interagir, seguir páginas, entrar em grupos. Na rede social o *feed de notícias*, também chamado de mural é a estrutura dorsal da rede. No dicionário<sup>21</sup> o mural é definido como: *1 Relativo a ou próprio de muro ou parede. 2 Relativo a muro ou parede como suporte sobre o qual se colocam ou se expõem anúncios, avisos, informativos funcionais ou de entretenimento, cartazes etc.*

Por essa perspectiva a função do *Mural* é justamente compartilhar ou expor conteúdos, informativos, entretenimento e anúncios, sua configuração é como um muro virtual que vive em constante fluidez de conteúdos e é alimentado por todos que interagem na rede, e essa é a grande novidade em relação ao Orkut, que não possuía um mural “coletivo” era necessário entrar em cada página para ter acesso aos conteúdos postados.

---

<sup>21</sup> Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=mural+>

**Figura 7 - Meu mural ou feed de notícias**



Fonte: Própria autora

Bauman (2001), em relação às redes sociais questiona o desaparecimento da ideia de cidadão e observa como ele é sucedido pela ideia do indivíduo, assim, enquanto o cidadão busca promover a coletividade o indivíduo busca a satisfação de seus próprios interesses. Nesse sentido, o indivíduo toma o espaço público com suas preocupações, afirmando-as como legítimas.

Talvez por isso tenhamos observado uma queda na utilização da rede e um crescente número de ataques e disseminação de conteúdos duvidosos, além da propagação de mentiras disparada por bots<sup>22</sup>, principalmente no período pré-eleitoral de 2018. Mas, ao mesmo passo também existem movimentos que nascem nas redes e tomam proporções gigantescas, como é o caso do movimento “Ele não<sup>23</sup>”.

<sup>22</sup> “Bot, diminutivo de robot, também conhecido como Internet bot ou web robot, é uma aplicação de software concebido para simular ações humanas repetidas vezes de maneira padrão, da mesma forma como faria um robô. No contexto dos programas de computador, pode ser um utilitário que desempenha tarefas rotineiras ou, num jogo de computador, um adversário com recurso a inteligência artificial. Bots também podem ser considerados ilegais dependendo do seu uso, como por exemplo, fazer diversas ações com intuito de disseminar spam ou de aumentar visualizações de um site” Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bot>

<sup>23</sup> “A manifestação #EleNão em repúdio ao candidato a presidente Jair Bolsonaro, que se espalhou por cidades brasileiras neste sábado, foi a maior manifestação de mulheres na história do Brasil. Foi também uma das maiores manifestações contra um candidato, independentemente das mulheres. As afirmações são de Céli Regina Jardim Pinto, autora do livro Uma história do feminismo no Brasil e professora do Departamento de

Recentemente, nos Estados Unidos, uma pesquisa<sup>24</sup> buscava analisar o público jovem e suas preferências em relação às redes. Foi constatado que há nove anos, o Facebook era tido como a principal rede social por 68% dos adolescentes, em 2016 apenas 15% diziam o mesmo. Uma das entrevistadas mencionou ainda que só usava o Facebook para conversar com sua avó, dando preferência a outras redes como Snapchat e Instaram.

No Brasil 130 milhões de usuários estão conectados ao Facebook, ocupando o terceiro lugar entre os países que possuem mais contas ativas, a cada 10 brasileiros conectados, 8 usam o Facebook. Segundo a pesquisa<sup>25</sup> realizada pelo portal especializado em estatísticas *Statista*, mais de 57 milhões de pessoas tem entre 18 e 34 anos. Entre 35 e 54 anos são mais de 27 milhões, entre 55 e mais de 65 anos são 6,7 milhões e os mais novos, entre 13 e 17 anos, representam 9 milhões de usuários.

Quanto ao gênero 54% das participantes são mulheres e 46% homens. Com relação à frequência desses usuários, quase 70% checam o Facebook pelo menos uma vez por dia. Já quanto aos dispositivos utilizados, 95% das pessoas utilizam celulares, enquanto 65% das pessoas usam computadores.

Juliano Spyer (2018) sintetiza o que as redes sociais representam para os seus entrevistados destacando algumas situações e contextos:

Talvez seja mais fácil explicar o interesse das pessoas de baixa renda pelas mídias sociais em relação às vantagens econômicas que a internet traz, considerando, como é freqüentemente o caso, que usar as mídias sociais também ajuda a reduzir outros gastos, como as ligações caras de celular. Já que a maioria dessas famílias (se não todas) têm parentes que vivem longe, as mídias sociais se tornaram um meio barato e eficiente de manter contato com eles, incluindo os que vivem em povoados vizinhos, em cidades próximas, e aqueles que vivem em partes distantes do País. (...) mulheres adultas mais jovens hoje gastam cada vez mais tempo longe de casa – trabalhando, estudando, ou cumprindo tarefas cotidianas – e as mídias sociais também são convenientes economicamente para que se comuniquem com membros da família e outras pessoas próximas durante o tempo em que estão fisicamente distantes.

---

História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). “ cabe ainda ressaltar que o movimento começou num grupo online do facebook e em questão de horas milhares de mulheres já se articulavam para a manifestação. Ver mais em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>

<sup>24</sup> “A pesquisa, intitulada *Social Media, Social Life: Teens Reveal Their Experiences* (“Mídia Social, Vida Social: Adolescentes Revelam suas Experiências”, em tradução livre), foi feita em março e abril deste ano com 1.141 adolescentes de 13 a 17 anos nos Estados Unidos.” Ver mais em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-45470711>

<sup>25</sup> Pesquisa Disponível em : <https://www.statista.com/statistics/268136/top-15-countries-based-on-number-of-facebook-users/>

Quanto à interação, a mediação pelo computador, e nesse caso através do Facebook, “é também geradora e mantenedora de relações complexas e de tipos de valores que constroem e mantêm as redes sociais na Internet” (Recuero, 2009). Essa interação acontece a partir de alguns recursos disponíveis na rede social, são eles os Emojis<sup>26</sup> responsáveis pela representação das emoções despertadas naquela postagem.

O botão curtir, ou *like*, é a principal ferramenta de interação da rede e sugere os sentimentos em determinadas postagens desde a criação da rede. Em 2016 os botões “amei”, “haha”, “uau”, “triste” e “grr” chegaram para complementar as possibilidades de reações e interações. Nesse sentido elas podem ser interpretadas como o enquadramento da mensagem visto em Batson (2002), já que possuem a capacidade de transmitir uma mensagem a partir do momento que escolho um símbolo que vai representar meu sentimento em relação tal postagem.

**Figura 8-** Emojis usados para manifestar a reação em postagens



**Toque para selecionar uma reação**

Fonte: [@Agu1ar](#) /Twitter

<sup>26</sup> “Emoji é de origem japonesa, composta pela junção dos elementos e (imagem) e moji (letra), e é considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmitem a ideia de uma palavra ou frase completa. Atualmente, os emojis são muito populares nas redes sociais (Facebook, principalmente) e em comunicações de troca de mensagens instantâneas, como o WhatsApp, por exemplo. Os emojis são muito úteis para transmitir mensagens de modo rápido, sem a necessidade de escrever textos explicativos. Disponível em: <https://www.significados.com.br/emoji/>

Miller (2011) destaca que a relevância de estudos voltados para a temática das redes sociais para a Antropologia, é referente à própria forma de explicar as relações entre as pessoas. E explica ainda que, antes da invenção da internet, os indivíduos já eram vistos como participantes de uma rede social. Por isso uma ferramenta tecnológica como o Facebook, que permite conectá-los em rede, certamente deveria ser de grande interesse para um antropólogo.

### 3.2 O Grupo

O “Mulheril Materno-feminismo e a maternidade” é um grupo online do Facebook. Participam dele 1.629 mulheres, num espaço de trocas entre mães, e mulheres que mesmo não sendo mãe acham importante debater o tema. É um grupo que se reconhece como feminista e que pretende desconstruir o mito da maternidade. No espaço dedicado a descrição do grupo apresenta-se a seguinte definição:

É para mães, e para quem pretende (ou não) ser uma um dia; para desmistificar a maternidade e compartilhar sobre o feminismo e as dores e amores de ser mãe. Trocar experiências e informações. Sem tabus, desconstruindo o mito da mulher maravilha, a mãe perfeita e as culpas que vem com ela.

O grupo foi criado em 22/05/2016, e atualmente é administrado por duas membras. Para fazer parte do grupo é necessária a aprovação destas, pois, trata-se de um grupo “fechado”, e, só quem é integrante pode ter acesso ao conteúdo ali compartilhado. Na figura abaixo podemos observar o layout do grupo:

**Figura 9** - Layout do grupo Mulheril Materno- feminismo e a maternidade, retirado do meu *feed*



Fonte: Própria autora.

Além do posicionamento feminista na descrição do grupo, temos outros símbolos que podem nos fazer refletir sobre as maternidades e suas diversidades. A foto de capa, por exemplo, retrata a imagem de uma mulher segurando uma criança, ao mesmo tempo em que mostra seu braço levantado e a mão fechada em punho, como se mostrasse sua força. A foto em si é capaz de representar as mães, sejam elas feministas ou não, pois no imaginário popular, e independente de um posicionamento ideológico, e cito como exemplo o dia das mães, elas são muitas vezes retratadas como “mulheres fortes, guerreiras, donas de si”.

A foto de capa foi inspirada num famoso cartaz de propaganda pró-guerra dos EUA, criado por J. Howard Miller em 1943 tornou-se o símbolo da mulher americana ocupando as fábricas, enquanto os homens iam à guerra. No cartaz original a operária veste um uniforme azul, um lenço vermelho nos cabelos e se posiciona de forma enfática, mostrando seu braço forte, arregaçando a manga, além da frase “*We Can Do It*”, que em tradução minha significa “*nós podemos fazer isso*”.

O cartaz toma fôlego nos anos 80, através das feministas que agora o utilizam como símbolo da emancipação feminina, aludindo à ideia que nós podemos ser e fazer tudo que assim desejarmos.

**Figura 10** - Cartaz de J. Howard Miller



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/We\\_Can\\_Do\\_It!#/media/File:We\\_Can\\_Do\\_It!.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/We_Can_Do_It!#/media/File:We_Can_Do_It!.jpg)

Considero relevante mencionar que este grupo faz parte de uma “ramificação” do Grupo Mulheril, no qual fui convidada a participar, em meados de 2014 por uma colega das Ciências Sociais. Esse grupo era formado na época por mais de 10 mil mulheres, e composto por muitas estudantes da UFSC.

No entanto, por conta de um número considerável de pessoas, e com muitos conteúdos íntimos vazados, as administradoras do grupo resolveram recriá-lo, agora num sistema de convites. Para tal, era necessário conhecer alguma das moderadoras, além de enviar um texto num estilo carta de apresentação. Durante esse processo, um grupo de mulheres deu a ideia de criarmos um grupo específico para debater a maternidade e suas questões, logo as criadoras preservaram o nome original, e acrescentaram o termo “materno”.

Por ter recém parido neste período, optei por fazer parte somente do Mulheril Materno, visto que, além de ser um grupo voltado para a demanda que buscava na

época, também me sentia mais confortável compartilhando meus questionamentos com um número reduzido de mulheres, que se aproximaram justamente pelo mesmo interesse.

As características gerais de um grupo no Facebook podem ser personalizadas conforme as necessidades de cada um. Cabe ao administrador, ou seja, aquele que criou o grupo, optar pelas configurações de segurança e de compartilhamento, além de permitir que outro membro também se torne um administrador. Na figura abaixo é possível observar as opções disponíveis ao criar/configurar um novo grupo:

**Figura 11** - Layout das ferramentas e configurações disponíveis ao criar um grupo no Facebook

Nome do grupo:

Privacidade:  **Aberto**  
Qualquer pessoa pode ver o grupo, quem está nele e o que membros publicam.

**Fechado**  
Qualquer pessoa pode ver o grupo e quem está nele. Somente membros podem ver as publicações.

**Secreto**  
Somente membros podem ver o grupo, quem está nele e o que membros publicam.

Aprovação de filiação:  Qualquer membro pode adicionar ou aprovar membros.

Qualquer membro pode adicionar membros, mas é necessário que um administrador os aprove.

Endereço do grupo:

Descrição:

Possíveis membros podem ver a descrição se a privacidade estiver definida para aberta ou fechada.

Publicando permissões:  Apenas membros podem publicar neste grupo.

Apenas administradores podem publicar no grupo.

Aprovação de publicações:  Todas as publicações do grupo devem ser aprovadas por um administrador.

Fonte: Própria autora.

Do ponto de vista Sociológico, os indivíduos só tomam a consciência do lugar de si, o “eu”, se relacionado ao outro, ao grupo, Charles Horton Cooley (1922), sociólogo inglês, parte desse princípio para categorizar os agrupamentos sociais de pessoas em dois tipos, *Grupo primário* e *Grupo secundário*.

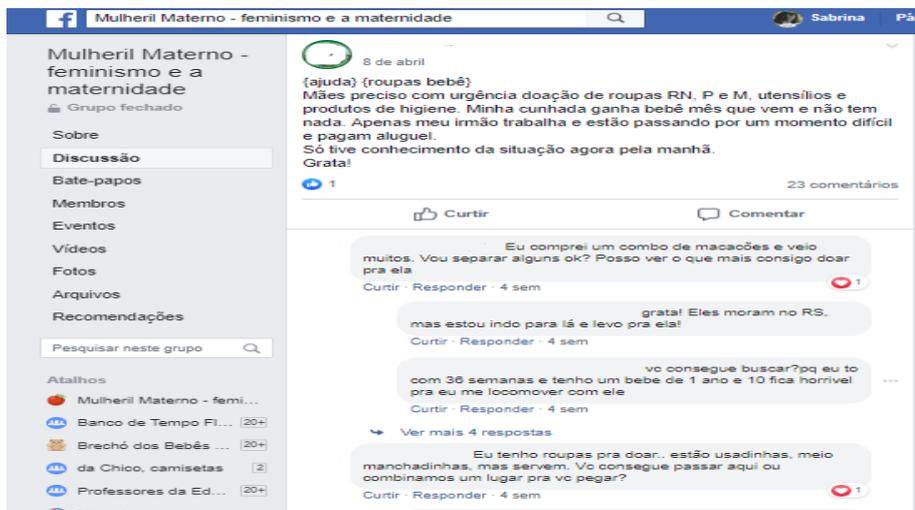
Para Cooley é comum considerarmos que o grupo primário corresponde aquele no qual tivemos o primeiro contato, e que seria natural ter como exemplo a família, baseadas no nível de segurança, e com a função educadora, são relações

onde os indivíduos são altruístas e se sacrificam pelo outro, o que não impede de ter outras relações além das familiares com essa base e princípio.

Já o grupo secundário é baseado numa troca de interesses, não obrigatoriamente envolve emoções, a reciprocidade é uma das características, exemplos dessas relações são colegas de classe, de trabalho. O autor conclui que essas relações tendem ser temporárias e anônimas.

Sobre o Grupo Mulheril Materno, ainda que suas características sejam baseadas numa troca de interesse, a maternidade e o feminismo, e sem ter ideia da temporalidade, já que não é possível estabelecer a duração do grupo, estando sujeito a várias situações, ele também promove a segurança, quando se tem a sensação da troca, pois se sentem compreendidas, estabelecem uma relação baseada numa reciprocidade, com algumas ações que ultrapassam os diálogos nas redes e se tornam ações. Como na figura abaixo:

**Figura 12 - Feed do Grupo Mulheril Materno**



Fonte: Própria autora.

Segundo Baptista (2016):

Os novos meios de comunicação e o surgimento do que Cooley chama de opinião pública – não apenas a soma dos julgamentos individuais, mas a opinião resultante da comunicação e influência cooperativa e recíproca da sociedade – contribuem para o alargamento da empatia entre as pessoas por quatro fatores de eficiência: expressividade (a gama de ideias e sentimentos que o meio é capaz de conter); permanência (a superação do tempo); agilidade (a superação do espaço); e difusão (a acessibilidade a

todas as classes). O resultado final dessa empatia resultaria em uma “verdadeira” democracia, pois o governo, que para Cooley se legitima na vontade pública, será capaz de agir conforme a expressão pública. “O mundo moderno, então, apesar de sua complexidade, pode se tornar fundamentalmente mais simples, mais consistente e razoável (COOLEY, 1909, p.418 apud BAPTISTA, 2016)”.

Para Primo (2007) as interações mediadas pelo computador são de abordagem sistêmico-racional, e podem ser classificadas como “mútua e reativa”, assim:

A interação mútua é aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento, afetando-se mutuamente; já a interação reativa é limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta (PRIMO, 2007, p.57).

Nesse sentido, o grupo Mulheril Materno ocupa um espaço que é caracterizado pela intersecção dessas formas de se pensar e vivenciar os agrupamentos, atuando de diversas maneiras, ou seja, afetando suas membras “mutuamente”, promovendo a reflexão, e ampliando a empatia através da materialidade do discurso, seja por meio de postagens ou de ações, criando então uma rede de mulheres que se agrupam e se desenvolvem juntas.

#### **4 MÉTODO DE PESQUISA**

O método de pesquisa deve ser entendido como o caminho que o pesquisador percorreu durante seu trabalho, suas observações, suas reflexões teóricas, suas técnicas e instrumentos de coleta, formulações de hipóteses e finalmente a escrita. Este trabalho é norteado por princípios da metodologia qualitativa, considerando que as observações e escritas são feitas a partir das percepções e interpretações dessas interações sociais.

Logo:

O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2008, p.57).

Busco realizar uma articulação teórica em torno da perspectiva de gênero, posicionando esta pesquisa através de uma abordagem feminista. Para Angrosino (2009) essa abordagem implica na fomentação de pesquisas que não dizem respeito somente às mulheres, mas que se caracterizam pela suposição que todas as relações sociais são de gênero.

O autor entende que os comportamentos relacionados a um ou outro gênero são socialmente construídos, mas, argumenta que não importa sobre quais perspectivas estamos falando, pois, independente da percepção “essencial ou construída”, a abordagem sempre implicará numa assimetria sexual universal.

Enquanto mulher pesquisadora, mãe, que se identifica como feminista, corroboro com Angrosino (2009) quando afirma que:

Para tanto, pesquisadores feministas buscam uma forma de etnografia que permita a empatia, a subjetividade e o diálogo, a fim de explorar melhor os mundos interiores das mulheres, até o ponto de ajudá-las a expressar (e assim superar) a sua opressão.

O uso da Etnografia é muito presente em pesquisas no campo das ciências sociais, sendo utilizada principalmente por antropólogos. Permite-nos chegar a algumas constatações sobre determinado grupo e suas peculiaridades através da observação e constatação de dados, sendo muito comum a construção de diários de campo. Para Silva (2009) o etnógrafo experimenta três fases em suas pesquisas: “o andar, ver e o escrever”.

Nesse trabalho, no entanto, não utilizo entrevistas abertas, nem me desloquei para um campo específico afim de “observar, constatar e escrever”, mas, ainda que eu não tenha “andado”, acessei muitas páginas e conteúdo que permitiram o “navegar”, o ver (ler) e o escrever. Por isso, utilizo alguns recursos do método etnográfico, por exemplo, a escolha do campo que se dá pela observação no “ciberespaço” e contribui para a flexibilização do lugar (geográfico) do pesquisador, possibilitando o desenvolvimento dessas interações online e mediadas por um computador.

As construções analíticas baseadas em pesquisas etnográficas online devem ser formuladas e relacionadas a um contexto específico, e muitas vezes também podem ser efêmeras (ANGROSINO, 2009), pois surgem e desaparecem conforme mudam os interesses dos participantes.

Nesse sentido:

A análise antropológica pode ser relevante não apenas para a compreensão do que essas novas 'aldeias' e 'comunidades' são, mas também é igualmente relevante para que possamos imaginar que tipos de comunidades os grupos humanos podem criar com a ajuda da tecnologia (SEGATA, 2016).

Desenvolvo minha pesquisa entendendo a importância da neutralidade científica, assim como a ética na pesquisa, preservando o anonimato das participantes (FONSECA, 2001). As categorias teóricas relacionadas ao conceito de família, parentalidade, o uso das redes sociais, práticas paternas e maternidades, por exemplo, são exploradas conforme os temas surgem e são formulados pelas participantes, considerando também a frequência dessas respostas.

Por isso a importância de uma revisão bibliográfica na construção de novos saberes, pois recorrendo a teorias já formuladas por outros autores, é possível relacionar o que já foi escrito sobre o tema, contribuindo para a criação de novas perspectivas ao discorrer sobre os assuntos em questão.

Nessa lógica, entendo que os caminhos desse estudo são construídos e alicerçados pela utilização de todos os métodos já mencionados e a partir da definição do meu grupo focal, ou seja, mães e membras do grupo Mulheril Materno-maternidades e feminismos no Facebook, que se pode dizer, representa um determinado grupo de interesse, já que os debates são formulados e interpretados a partir do viés feminista.

#### **4.1 Os caminhos de pesquisa**

Esse trabalho foi realizado entre meados de 2018 a junho de 2019, durante aproximadamente dez meses acessei diariamente a página Mulheril materno, esses acessos geralmente eram noturnos, mas também ocorriam esporadicamente durante o dia.

Faço parte deste grupo desde sua criação, em 22/05/2016, que é composto somente por mulheres, mães ou não, e compartilha o interesse em discussões sobre gestação, maternidade, cuidados dos filhos, e, os mais variados temas que estejam englobados nessa temática. Eu como mãe, buscava esse tipo de referência para encontrar suporte nos momentos de dúvida.

O fato de ter perdido minha mãe um ano antes de me tornar mãe, foi um fator importante para a minha participação em grupos de maternidade, já que estávamos

morando longe de meus familiares, poucas amigas eram mães, não me sentia muito à vontade conversando com mulheres do meu círculo, que na maioria das vezes, acabavam criando-se algumas barreiras entre essas comunicações e percepções de mundo.

Nesse grupo além de encontrar apoio e escuta, observei mulheres buscando auxílio jurídico sobre guarda compartilhada, relatando a socialização com os pais dos filhos, levantando questionamentos sobre experiências de violências, compartilhando propaganda de serviços, textos reflexivos, *memes* “engraçados”, foto, etc.

Foi através dessa experiência que a motivação para realizar este trabalho floresceu. Passei a seguir algumas páginas e perfis que tinham conteúdos voltados para o debate sobre a paternidade, relação de cuidados, maternidade e o uso das redes sociais nesse processo.

Por isso resolvi aplicar o questionário neste grupo, considerando que o acesso a esses homens e pais seria algo incerto, e talvez não tivesse tempo hábil para tal. No entanto, o desejo de pesquisar homens e pais talvez se concretize numa futura pesquisa.

#### **4.2 Ferramentas de Pesquisa**

Para obter resultados e respostas também recorro à técnica de investigação *survey* na elaboração deste trabalho, já que pretendo entender as características e opiniões de um determinado grupo de indivíduos. Esse tipo de método geralmente é utilizado em pesquisas do tipo “opinião pública”.

Essa ferramenta do método quantitativo pode ser estruturada com o suporte de perguntas do tipo “o quê?”, “como?” “por que” e “quanto?”, através da aplicabilidade de um questionário estruturado que deverá ser respondido por um grupo de pessoas representativas.

Sobre o procedimento de pesquisa *survey*, ainda é possível afirmar que:

“É a pesquisa que busca informação diretamente com um grupo de interesse a respeito dos dados que se deseja obter. Trata-se de um procedimento útil, especialmente em pesquisas exploratórias e descritivas (SILVEIRA; CORDOVA apud SANTOS, 1999)”.

Com estrutura semiaberta, onde doze questões são de fundo socioeconômico e dezesseis questões abertas, sendo ainda divididas entre as relacionadas aos

cuidados paternos na configuração familiar de cada participante, e as que estão relacionadas ao uso das redes sociais para o acesso e compartilhamento destes conteúdos. Utilizo o Formulário Online do Google para a elaboração deste questionário, e o disponibilizo no *feed* do grupo entre os 12/12/2018 a 18/12/2018.

Depois que obtive um número de 25 mulheres respondentes, segui a pesquisa formulando as porcentagens sócias econômicas e específicas, a partir da tabulação dos dados obtidos, no programa Excel. Para as questões abertas foi necessário considerar a frequência de respostas parecidas ou iguais, ou ainda as mais peculiares, para que eu elaborasse as referências teóricas que seriam utilizadas.

## 5- RESULTADOS DE PESQUISA

Quanto ao perfil socioeconômico das 25 participantes, foram obtidos os seguintes resultados no que se refere ao estado civil, faixa etária, e autoidentificação de raça:

**Quadro 1** - Perfil Socioeconômico das participantes da pesquisa

Estado civil	Faixa etária	Autoidentificação de raça
25% Casadas		
56% União Estável	28% entre 26-30 anos	72%Branças
8% Solteiras	56% entre 31-40 anos	12%Negras
25% Separadas	16% entre 44-55 anos	16%Pardas
4% Divorciadas		

Fonte: Elaborado pela autora com dados obtidos no formulário online (2018).

Quanto ao estado civil, 72% das participantes declaram estar num relacionamento estável, sendo que 25% se identificam como casadas e 56% numa união estável. Um total de 28% de mulheres vivenciam outros status, sendo 16% separadas, 8% solteiras e 4% divorciadas. Ao utilizar as categorias casadas e união estável, pude constatar que esse número corrobora com a pesquisa realizada em cartórios nacionais, onde apontam um crescimento de 57% da União Estável no

Brasil, entre 2011 a 2015, enquanto os casamentos tiveram um aumento de 10% neste mesmo período.

Esses dados revelam mudanças no comportamento social das pessoas, evidenciando a quebra de alguns padrões patriarcais, como a idealização do casamento, já mencionado no primeiro capítulo desta pesquisa.

Em relação à autoidentificação, 72% se consideram brancas 16% pardas e 12% negras. Quanto à faixa etária das participantes 28% têm entre 26 a 30 anos, 56% entre 31 a 40 anos, e 16% entre 44 a 55 anos.

Quanto à escolaridade, atividade remunerada e renda familiar, foram constatadas as seguintes proporções:

**Quadro 2** - Continuação do Perfil Socioeconômico das participantes da pesquisa

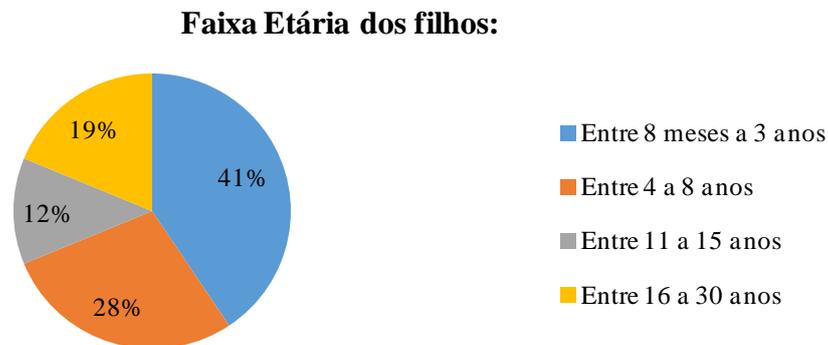
Escolaridade	Atividade Remunerada	Renda familiar
4% Curso Técnico 4% Ensino Médio Completo 4% Ensino Médio Incompleto 4% Doutorado 24% Ensino Superior Completo	20% Não	4% Até um salário mínimo 28% De 2 a 3 salários mínimos 20% De 3 a 4 salários mínimos
12% Ensino Superior Incompleto 28% Pós Graduação Completa 20% Pós-Graduação Incompleta	80% Sim	44% Acima de 4 salários mínimos 4% Sem Renda

Fonte: Elaborado pela autora com dados obtidos no formulário online (2018).

Sobre o número de filhos, temos uma média de 1,7 filhos por pessoa, considerando que as 25 participantes somam um número total de 32 filhos. Já a faixa etária destes está dividida em 41% com idade entre 08 meses a 3 anos, 28% entre 4 a 8 anos, 12% entre 11 a 15 anos e 19% entre 16 a 30 anos, além disso,

uma das entrevistadas está grávida. No gráfico abaixo os dados citados podem ser observados:

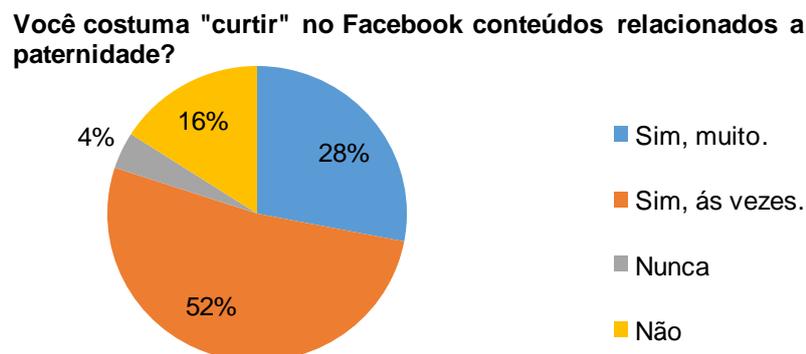
**Figura 13** - Gráfico referente à proporção da faixa etária dos filhos



Fonte: Elaborado pela autora com dados obtidos no formulário online (2018).

A segunda parte do questionário é composta por 16 perguntas abertas, voltadas para as demandas relacionadas ao uso das redes sociais, tanto das mães quanto dos pais, no que se refere aos conteúdos sobre as práticas paternas. Logo, obtive os seguintes resultados:

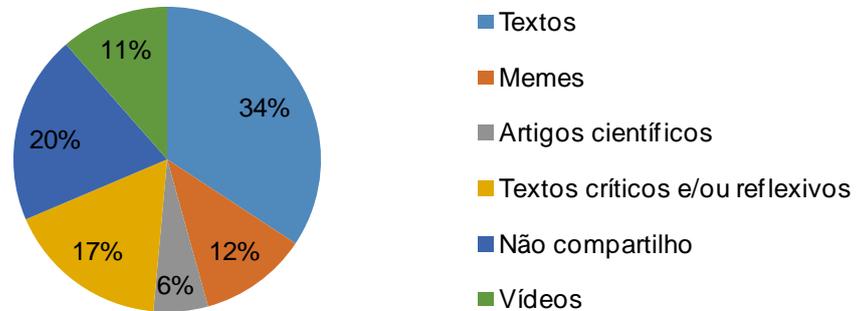
**Figura 14** - Gráfico referente à proporção de entrevistadas que curtem conteúdos relacionados à paternidade



Fonte: Elaborado pela autora com dados obtidos no formulário online (2018).

**Figura 15** - Gráfico referente à proporção de entrevistadas que compartilham conteúdos relacionados à paternidade

**Você costuma compartilhar no Facebook conteúdos relacionados a paternidade? Se sim, que tipo de compartilhamentos? ( textos, memes, fotos, outros)**



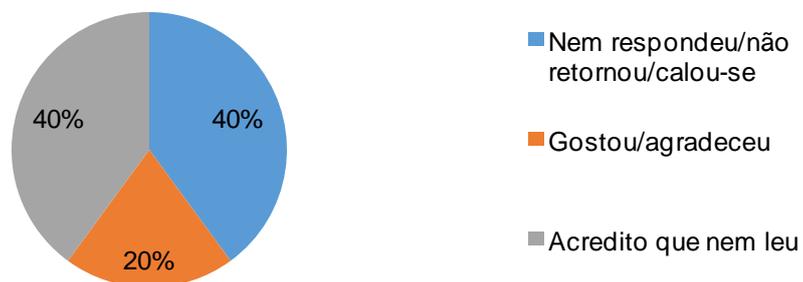
Fonte: Elaborado pela autora com dados obtidos no formulário online (2018).

Quando questionadas sobre o compartilhamento de conteúdos relacionados às práticas paternas, para os pais de seus filhos e/ou de suas redes sociais, 40% das participantes responderam que sim, já encaminharam.

No entanto, os pais não costumam retornar essas mensagens, segundo as pesquisadas:

**Figura 16** - Gráfico referente à reação dos pais ao receberem conteúdos relacionados à paternidade

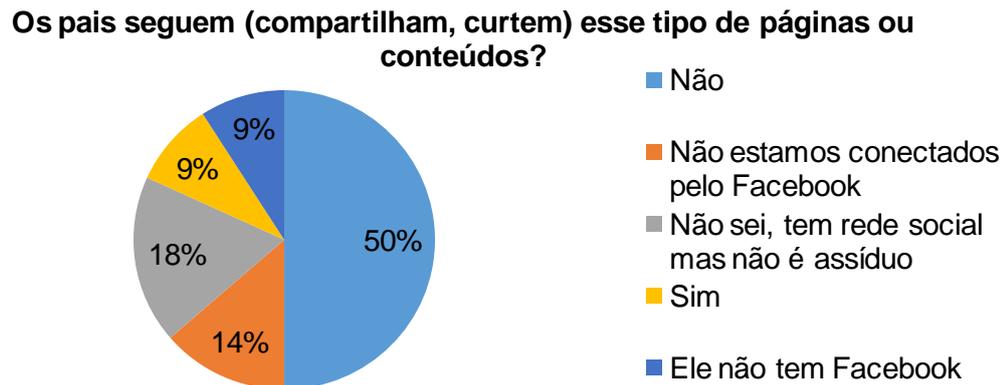
**Qual a reação deles ao receber o compartilhamento?**



Fonte: Elaborado pela autora com dados obtidos no formulário online (2018).

Esses números podem estar relacionados à baixa participação desses pais na rede, de modo geral, pois ao serem indagadas sobre a participação deles na rede obtiveram-se as seguintes respostas:

**Figura 17** - Gráfico referente aos pais que, segundo as mães, curtem ou compartilham conteúdos relacionados à paternidade

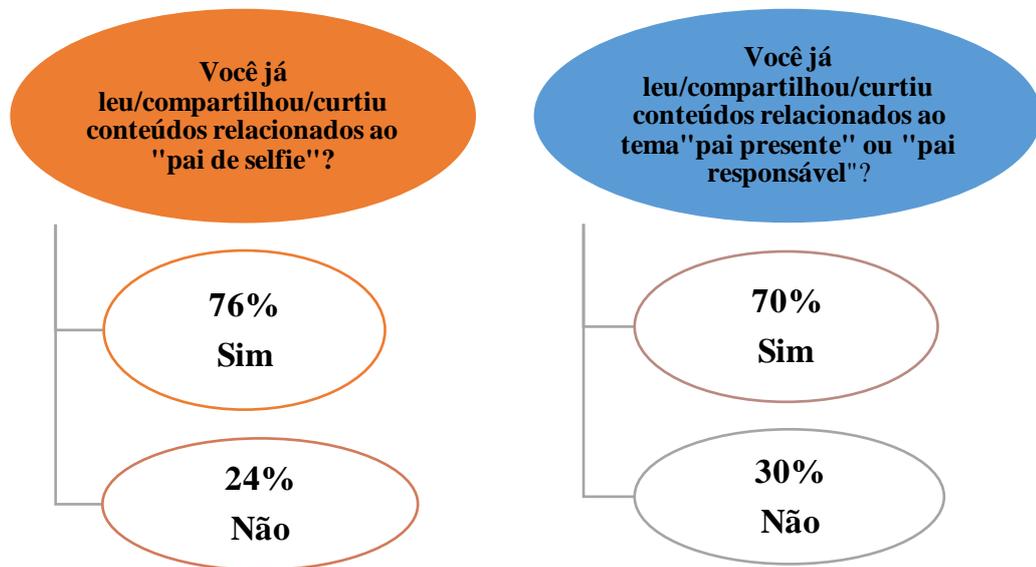


Fonte: Elaborado pela autora com dados obtidos no formulário online (2018).

Apenas 9% das entrevistadas afirmam que esses pais utilizam a rede para ler ou compartilhar esses conteúdos, enquanto 50% nega a participação deles quando relacionados ao conteúdo proposto, outras 14% afirmam não estarem conectadas a eles via Facebook, e 18% não sabe, pois embora tenham acesso à rede não são assíduos. Enquanto isso, 9% afirmam que eles não estão inscritos na rede social.

Com relação aos conteúdos compartilhados, podemos observar que alguns termos como “pai presente”, “pai responsável” e “pai de *selfie*” ganham força e se tornam referências nos debates sobre a paternidade no Facebook. Ao serem questionadas sobre esses termos, obtive os seguintes dados:

**Figura 18** - Gráfica referente a conteúdos relacionados aos termos “pai de *selfie*” e “pai presente”

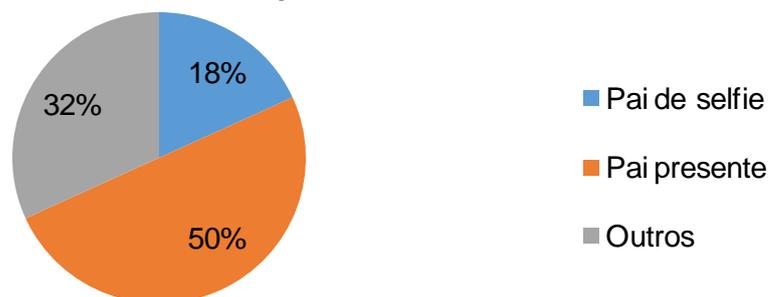


Fonte: Elaborado pela autora com dados obtidos no formulário online (2018).

Quanto aos termos acima citados, ao serem questionadas se os pais de seus filhos se encaixam em algum dessas categorias, o resultado foi:

**Figura 19** - Gráfico referente à “tipologia” de paternidades identificadas pelas entrevistadas

O pai de seus filhos se encaixa em algum desses "tipos" de paternidade?



Fonte: Elaborado pela autora com dados obtidos no formulário online (2018).

Sobre a construção da categoria “pai de *selfie*” as participantes descrevem o que consideram características dessa prática. Para 76% dessas mulheres, é o pai que geralmente não convive com seu filho no cotidiano, o pai que compartilha a guarda com a mãe, que geralmente são 15 dias intercalados, ou nos fins de

semana. Não estão presentes na vida dos filhos. No entanto, muitas pesquisadas afirmam que em muitas relações estáveis essa categoria também pode ser aplicada, e em vários momentos citam como exemplos amigas, colegas e parentes que vivem esse tipo de relação.

Algumas mães relatam que a falta de interesse no filho é pior parte, mas a falta de apoio financeiro também é uma questão importante, ressaltam que está “interpretação”, feita através da foto, da *selfie*, pretende transmitir uma imagem diferente, um papel, como algumas mencionaram, e são vistos como um “paizão”, aquele que deveria realizar apenas o seu papel de pai. Nesse contexto destaco algumas respostas, para materializar essas construções coletivas:

Participante 1:

O pai que utiliza do Facebook para passar uma imagem que não é real, de pai dedicado e presente, que compartilha os cuidados com a mãe, mas que no fundo só quer angariar uns *likes* e geralmente quer também atingir a mãe, de alguma forma, já que tenta passar essa imagem e geralmente as mães não concordam com tal.

Participante 3:

É a definição do meu ex: vai a consultas médicas pagas por mim (nossa filha tem paralisia cerebral) e bate foto pra colocar no Instagram e todos acharem que é um pai presente, mas quando acaba a consulta, nem manda mensagem pra saber como a criança está. TODOS pensam que ele é um paizão e elogiam.

Participante 11:

Meu entendimento é que são pais de redes sociais, fotos lindas, muito curtidas, mas que não passa dos momentos da foto. São pouco presentes na vida dos filhos (e não necessariamente precisam ser separadora das mães), tem muito pai de *selfie* que mora com seu filho e a mãe.

Quanto à categoria “pai presente” ou ainda “pai responsável” a maioria das participantes relatam entender que esse tipo de prática deveria ser “natural”, algo comum, o pai que compartilha igualmente os cuidados e afetos dos filhos, que sabe seus gostos, estão atentos às atividades cotidianas, o que para muitas, ainda que se tenha um avançado nessas questões, é um grande desafio esse processo de conscientização dos pais.

Participante 5: *É um pai que cumpre seu papel e divide igualmente as tarefas relacionadas aos filhos, estando presente em suas vidas.*

Participante 9: *Pai presente ou responsável é aquele que realmente faz parte da vida de seus filhos, de todas formas dividindo com a mãe as responsabilidades da criação e educação da criança.*

Participante 15:

Como tenho uma filha que tem um pai bastante ausente me sinto muito tocada por esse assunto. Entendo que é muito importante que haja uma mudança profunda no comportamento da maioria dos homens em relação à paternidade no sentido de serem mais presentes e mais responsáveis, ainda que eu não ache que se devam enaltecer os pais que já o são, pois estão apenas fazendo a parte deles.

Sobre como o Facebook pode promover o debate, seja através dos grupos, páginas ou ainda em suas próprias páginas pessoais, quando questionadas se os conteúdos compartilhados e/ou curtidos por elas trazem, ou podem trazer alguma reflexão e/ou mudança nas práticas de paternidade, as participantes afirmam que a rede social é uma importante ferramenta para propagar o tema, dando dicas para mães de “primeira viagem”, debatendo essas questões com outras pessoas, conectando e conscientizando as mulheres, ou ainda como um pedido de socorro. Nas palavras delas:

Participante 1:

A partir do momento que debatemos o tema outras pessoas, principalmente os pais, podem entender o que nós, mães, queremos dizer, e a partir disso repensar algumas atitudes, trazendo então uma mudança nas formas de realizar a sua paternidade.

.Participante 5:

Na paternidade, não. Mas, talvez na forma de sensibilizar pessoas que convivem com pais que não exercem a paternidade ativa, a serem mais críticos com os fatos. Não acho que essas pessoas vão cobrar responsabilidade desses pais que não se apropriam da paternidade. Mas funciona como denúncia e grito indireto de socorro.

Participante 19:

Eu posto com o intuito que os homens, pais ou futuros pais, se conscientizem que seu papel é cuidar dos filhos dividindo igualmente as tarefas e não "ajudar" ou apenas pagar pensão. Porém, acredito que poucos homens param pra ler esse tipo de material.

Ao serem perguntadas como é a divisão de tarefas e cuidados, 60% das mães afirmam que é desigual. As outras oscilam entre parcialmente compartilhada, e algumas poucas afirmam que a divisão é igualitária. Conforme suas falas:

Participante 2: *“Desigual”*.

Participante 5:

Guarda compartilhada, na prática unilateral. Pai visita a cada 15 dias, pensão não cobre 50% das despesas da criança, quem leva em consultas e é responsável por todo cuidado direto e o indireto sou eu. O pai age como alguém que pega um carro pra passear a cada 15 dias e manda pra mãe lavar e fazer a manutenção.

Participante 12: *“Se eu estou em casa sou responsável por praticamente tudo. Ele só assume as tarefas se está com as crianças sem eu estar presente”*

Participante 16:

Ele fez muito pouco esses anos todos (hoje minha filha tem 13 anos), teve momentos que nem ajuda financeira ele dava. Passava meses sem vê-la e até sem ligar pra saber se estava bem. Hoje ele tem tentado se aproximar (virtualmente, pois mora em outro país há quase 2 anos) e tem assumido algumas despesas como inglês e transporte escolar.

Participante 22: *“Ele cuida, alimenta, faz quase tudo, mas volta e meia lembra que este não seria o ‘papel’ dele”*.

Pergunto na sequência se em relação às experiências pessoais, elas percebem alguma mudança nas práticas paternas atuais, se comparadas às gerações anteriores, e quais seriam essas mudanças? Muitas mencionaram que a organização familiar da época, onde só o pai trabalhava e a mãe ficava em casa cuidando dos filhos propiciava esse afastamento, os pais não se envolviam nos cuidados, só eram provedores. Muitas ressaltam também o contexto sócio-histórico-cultural da época de seus pais, em média a três décadas atrás, onde as influências patriarcais e machistas em relação aos cuidados e as divisões de tarefas, era exclusivo das mulheres. Sobre o a questão as participantes afirmam:

Participante 1:

Sim. Os pais eram só provedores, mal viam as crianças, exerciam um papel de poder geralmente ligado ao medo disfarçado de respeito. Essa geração é muito mais afetiva e amorosa, no entanto, também é uma geração que não se compromete e abandona sua família.

Participante 2: *“Acredito que as mulheres estão mais conscientes de que não são obrigadas a dar conta de tudo sozinhas. Mas em relação aos homens, alguns casos isolados”.*

Participante 17: *“Na verdade, acho que não mudou muito. Os homens, em sua maioria, continuam achando que as mulheres têm que cuidar dos filhos”.*

Participante 25: *“Ah, sim muito. Meu filho, por exemplo, é um homem que cuida de fato dos filhos. Pega na creche dá banho, cozinha e alimenta os garotos, faz dormir. Eu acredito que os homens de hoje, já tem um outro olhar sobre a paternidade”.*

Por fim, indago sobre a relação entre as participantes e seus pais, e o resultado é exposto no seguinte gráfico:

**Ilustração 20-** Gráfico referente à relação das participantes com seus pais



Fonte: Elaborado pela autora com dados obtidos no formulário online (2018)

Ainda sobre essa questão, as participantes relatam como se estabelecem essas relações:

Participante 1: *“Não nos falamos no momento”.*

Participante 6: *“Terrível. Não temos diálogo”*.

Participante 14: *“Não somos tão próximos. Ficamos praticamente 10 anos sem nos falarmos, mas hoje mantemos contato regular até porque ele gosta muito das netas”*.

Participante 19: *“Boa, meu pai sempre foi presente”*.

Participante 25: *“Meu pai foi um homem extremamente machista. Mas, no final da sua vida consegui falar mais sobre estas questões, mesmo ele dizendo que eu achava tudo normal (homossexualidade, etc.)”*.

### **Outras informações:**

Ao serem questionadas sobre o status da relação quanto à descoberta da gravidez, obtive os seguintes dados:

- 43% eram namorados na descoberta da gravidez
- 38% casados
- 10% estavam “ficando”
- 9% eram apenas amigos

Quando questionadas sobre os cuidados dos filhos, em caso de pais separados, como os pais lidavam com essas demandas, se cuidam sozinhas ou tinham ajuda, elas responderam:

- 47% não é o caso
- 20% somente o pai
- 33% por outras pessoas

Quando questionadas sobre as páginas que desenvolvem conteúdos relacionados a paternidade:

- 48% afirmam não seguir esse tipo de página

- 20% seguem o jornalista Marcos Piangers
- 12% Paizinho, vírgula!
- 12% Cientista que virou mãe

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notoriamente, o debate sobre paternidades, cuidados, afetos e divisão igualitária, estão sendo recorrentemente debatidas nas redes sociais, no entanto, a participação dos pais ainda é pequena neste grupo. Esses dados podem estar relacionados às pesquisas nacionais sobre o uso do Facebook, onde foi constatado que 54% dos usuários são mulheres.

Esses debates são protagonizados pelas pesquisadas, através de suas páginas pessoais (feed), seja por compartilhamentos de textos próprios, artigos reflexivos ou críticos sobre o tema, ou ainda por compartilhamento de memes e vídeos que contenham um toque de humor.

Sobre esse tipo de compartilhamento, várias mulheres mencionaram páginas e pessoas que elas “seguem” na rede social, entre elas a página “Cientista que virou mãe” que também foi tema de dissertação de mestrado em História, na UFSC, realizado pela pesquisadora Luana Borges, em 2018, inclusive foi um trabalho que contribuiu muito na finalização desse momento da escrita.

Um baixo número de mães que se autodeclaram negras, um total de 12%, pode estar relacionado a muitos fatores, no entanto, acho que é interessante pensar no recorte de classe e de raça simultaneamente, ainda que este trabalho não pretenda se aprofundar no tema, mas, considero importante mencioná-las.

A maioria das mulheres se autodeclaram brancas, um total de 72% e 12% pardas. Quanto à escolaridade, 28% delas possuem pós-graduação completa e 20% incompleta. Na sequência temos 24% com ensino superior completo e 12% com ensino superior incompleto, além de 4% Doutorado. No ensino médio completo, incompleto e curso técnico estão localizadas 4% das entrevistadas em cada categoria.

Bourdieu nos diz que, o capital cultural está relacionado ao acesso à cultura, mas também a classe social, onde a cultura se torna uma espécie de moeda de

troca, podendo ocupar uma posição de dominação. Nesse sentido, a maioria das entrevistadas possui pós-graduação, e conforme as respostas usufruem de um campo de “possibilidades”, seja quanto à formação, ou ainda quanto à média salarial que é de acima de quatro salários.

Talvez por isso, a possibilidade dessas mulheres estarem engajadas em uma rede é maior, se considerarmos o tempo que conseguem dispor para o uso das tecnologias, e também a facilidade ao acesso. Mas, também pode se tratar apenas de uma pesquisa de interesse, onde a maioria das respondentes são universitárias e por isso, os dados revelam o que já é constatado nas pesquisas relacionadas ao acesso das mulheres em universidades, onde o total de mulheres brancas com diploma é mais que o dobro<sup>27</sup>.

Dito isto, considere trabalhar com categorias “pai de selfie e pai ativo” visando entender como minhas entrevistadas percebiam essas transformações em relação aos “modelos” de paternidade que elas e seus filhos vivenciavam. No entanto, só é possível construí-las quando nos afastamos e começamos a traçar uma percepção histórica sobre essas sociabilidades.

Nesse sentido, a categoria pai ativo é percebida como um ideal, algo que deveria ser natural ao papel de pai, fazer o que tem que ser feito, cuidar, amar, dividir os cuidados. Por essa perspectiva algumas entrevistadas questionam “*nunca vi a categoria mãe ativa*”, logo é evidente que desejam essa ação da parte dos pais, mas entendem que a linguagem é uma forma de revelar que não é exatamente o que acontece nas redes familiares, geralmente o pai não é visto como alguém totalmente ativo nessas relações.

Num primeiro momento imaginei que minhas interlocutoras seriam em sua grande maioria mães solo, ou de famílias recompostas (Fonseca, 2001) o que não foi constatado, apenas duas famílias são recompostas e duas mães se identificam como solas. A grande maioria das entrevistadas está num relacionamento estável, monogâmico e heteronormativo, vivem com seus companheiros e filhos, possuem estabilidade financeira, formação superior e pós-graduação.

---

<sup>27</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/total-de-mulheres-brancas-com-diploma-uni-versitario-e-mais-que-o-dobro-das-pretas-e-pardas-diz-ibge.ghtml>

Nesse sentido, minhas entrevistadas se aproximam mais da categoria “casal igualitário”, visto em Tânia Salem. Elas enxergam uma perspectiva melhor, quando comparada à relação dos pais e filhos em gerações anteriores, e também conseguem formular que são essas mudanças culturais que colocam as mulheres em posição de combate ao machismo, contribuindo para uma perspectiva positiva em relação às divisões de tarefas e cuidados.

É importante levar em conta o enquadramento dessas perspectivas em relação aos cuidados paternos, quando falamos em famílias homo afetivas, por exemplo. Num dos materiais disponíveis pelo site “Paizinho, Vírgula<sup>28</sup>” um casal de pais relata suas experiências nos cuidados dos filhos, e como é recorrente serem questionados sobre onde está a mãe das crianças, e, mesmo quando explicam a relação homoparental da família, em casos como hospitais, lugares públicos e até em sua rede de amigos e familiares, sempre existe alguma mulher querendo tomar a posição de “cuidadora oficial”, aquela que sabe o que está fazendo, pois conta com o “instinto materno”, algo que eles não teriam.

Por isso considero importante revermos nossas posições em relação ao espaço de abertura para que esses homens consigam praticar esses cuidados sem uma constante premissa que não servem para tal, permitindo que suas potencialidades sejam revistas e que os espaços de troca proporcionem esse aprendizado e aceitando a condição de diferença.

Destaco a fala de uma das entrevistadas, que já é avó menciona seu filho como um belo exemplo de pai, que “faz tudo”. Logo, ainda que as maiorias das mulheres percebam essas mudanças, também é fato que eles não compartilham integralmente desses cuidados como elas gostariam, apenas fazem algumas atividades, geralmente “dar banho, dar a comida, brincar”.

As maiorias das entrevistadas relatam que a importância dos debates promovidos no Facebook serve mais para que as mulheres se apoiem e fortaleçam ajuda a criar redes de apoio, ainda que muitas vezes só através do aplicativo. E isso também é importante, se considerarmos que é justamente a empatia que as

---

<sup>28</sup> Disponível em: <https://paizinhovirgula.com/paternidade-homoafetiva-feat-bruno-vilas-boas-podcast-trico-de-pais-058/>

aproximam, ter o direito a fala sem ser julgada e principalmente por se identificar com as demais.

Também há uma constante revisão do papel da educação, principalmente em relação às brincadeiras e emoções. Bonecas, loucinhas e afins garantem que através da brincadeira todas as crianças se sintam incluídas e responsáveis pelos cuidados da casa ou dos filhos, contribuindo para o enfrentamento do machismo.

Nesse grupo, esses debates são comuns, as mulheres destacam materiais, desenhos, livros, espetáculos, que além de entreter possuem um caráter educativo, exploração dos sentimentos se dá de forma livre, crianças não são reprimidas por manifestar seus sentimentos, e essa liberdade também promove uma mudança nos aspectos emocionais dos meninos, que de certa forma não precisam mais possuir características repressoras para serem vistos como fortes.

Convivendo com mães e a partir dos resultados dessa pesquisa entendo que podemos também nos questionar sobre as inúmeras situações onde a identidade paterna é reduzida a aquela que “não tem jeito” com criança, ou não sabe fazer as coisas direito. Seja em consultórios médicos que só aceitam um familiar como acompanhante, ou ainda em espaços públicos que não estão adaptados para receber toda a família, como é o caso de trocadores disponíveis apenas em banheiros femininos, precisamos nos questionar e estar atenta a esses detalhes, que nos empurram para esse modelo de cuidado.

Por fim, acredito que talvez o fato de suas experiências pessoais em relação à figura paterna, somada as experiências e contextos sociais que estão hoje inseridas, seja o que as impulsionam ao debate dessas questões, seja para o enfrentamento da cultura machista, ou ainda para superar suas próprias experiências. Além da possibilidade de criarmos crianças que sejam capazes de superar o machista, além de enfrentar as questões relacionadas aos vários tipos de violências que mulheres e crianças enfrentam diariamente.

## 7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Paris: Editions Du Seuil, 1981.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a Identidade Masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAPTISTA, Iuri Yudi Furukita. A imaginação na sociologia de Charles Cooley. **Revista Ciências Humanas**, v. 9, n. 2, p. 116-125, 2016. Disponível em: <<https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch>>. Acesso em: 11 maio 2019.

BATESON, Gregory (2002), “**Uma teoria sobre brincadeira e fantasia**”, in B. T. Ribeiro e P. M. Garcez (orgs.), *Sociolingüística interacional*, 2. ed., São Paulo, Loyola.

BONAMINO, Alicia et al. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141324782010000300007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782010000300007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 07 jun. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782010000300007>

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 2005.

CASTRO, Mary G.; LAVINAS, Lena. Do feminino ao gênero: a construção de um objeto. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992

COOLEY, Charles Horton. **Human Nature and Social Order**. New York: C. Scribner's Sons, [1902], 1922.

D'ÁVILA, Manuela. **Revolução Laura**. Caxias do Sul, RS. Belas Letras, 2019.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, H. et al. (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. Editora UNESP: São Paulo, p. 173–178, 2009.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade** (M. Lopes, Trad.). São Paulo: Editora Unesp, 1993.

FELIPPI, Geisa; ITAQUI, Luciara Gervasio. Transformações dos laços vinculares na família: uma perspectiva psicanalítica. **Pensando famílias**, v. 19, n. 1, p. 105-113,

2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2015000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 06 jun. 2019.

FERRARI, Mário; KALOUSTIAN, Sílvio M. A importância da família. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.). **Família brasileira: a base de tudo**. 5 ed. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNICEF, 2002.

FONSECA, C. Aliados. Pais e filhos na família popular (início século XX) In: D'INCAO, M. **Amor e Família no Brasil**, p. 95-128, São Paulo, Ed. Contexto, 1989.

FONSECA, Claudia. Ser mulher, mãe e pobre. **História das mulheres no Brasil**, v. 9, p. 510-553, 1997.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. **Teoria e Cultura**, v. 2, n. 1 e 2, 2007.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2006.

ITABORAÍ, Nathalie Reis. Mudanças nas famílias brasileiras (1976-2012): uma perspectiva de classe e gênero. 2015. 490 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

KERGOAT, Daniele. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. In: HIRATA, H. et al. (org.). Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Unesp, p.67, 2009.

KERGOAT, Daniele. **Consustancialidade das relações sociais**. Novos Estudos p.84, 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A Família**. In: LEVI-STRAUSS, GOUGH & SPIRO. A Família, origem e evolução. Porto Alegre, Vila Marta, 1980.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio de conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª edição. São Paulo: Hucitec, 2004.

MORGADO, Isabel S.; ROSAS, António (Orgs). **Cidadania Digital**. [S.l.]: Livros Labcom. 2010.

MURARO, Rose Marie. **Homem/mulher: Início de uma nova era**. Rio de Janeiro: Artes e Contos, 1994.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

RAPPAPORT, Julian. In praise of paradox: A social policy of empowerment over prevention. In: **A Quarter Century of Community Psychology**. Springer, Boston, MA, 2002. p. 121-145.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth, **O Poder do macho**. Coleção Polêmica, São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALEM, Tania. **O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

SALEM, T. O casal grávido: disposições e dilemas da parceria igualitária. Rio de Janeiro: Editora Família, Geração e Cultura, 2007. SANTO, LCE; MORETTO, VL Pré-natal. **OLIVEIRA, DL Enfermagem na gravidez, parto e puerpério: notas de aula**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 109-138, 2005.

SARTI, Cynthia Andersen. Contribuições da antropologia para o estudo da família. **Psicologia USP**, v. 3, n. 1-2, p. 69-76, 1992. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51771992000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771992000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 04 jun. 2019.

SARTI, Cynthia A. Famílias enredadas. **Família: redes, laços e políticas públicas**. In: acosta, Ana Rojas, Vitale, Maria Amélia Faller (org), família. Rede, Laços e Políticas Públicas, 25ed, São Paulo, Cortez, 2010.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília, ABA Publicações; Joinville, Editora Letradágua, 2016.

SILVA, Hélio RS. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes antropológicos**, v. 15, n. 32, p. 171-188, 2009.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUSA, Roberta Menezes. Casa-grande e Senzala e o patriarcado: um diálogo crítico com a teoria feminista. **Emancipação**, v. 14, n. 1, p. 61-72, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/6896>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

SPYER, Juliano. **Social media in emergent Brazil: How the Internet affects social mobility**. London: UCL Press, 2017.

STRATHERN, Marilyn; SANTARRITA, MARCOS; HEILBORN, MARIA LUIZA. Necessidade de pais, necessidade de mães. **Estudos feministas**, p. 303-329, 1995.

LEVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.

WEBER, Max. **The sociology of religion**. Beacon Press, 1964.

WE CAN DO IT!. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=We\\_Can\\_Do\\_It!&oldid=54455409](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=We_Can_Do_It!&oldid=54455409)>. Acesso em: 8 mar. 2019.

## **APÊNDICE A - As práticas paternas nas últimas décadas e o papel do Facebook na construção desses novos modelos de paternidade**

Este formulário corresponde à parte importante do projeto de TCC no curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais.

Para a realização desse questionário gostaria de esclarecer que: Pretendo analisar as respostas de mães, e de mulheres que mesmo não tendo filhos exercem a maternagem compartilhando os cuidados de crianças. Se você não é mãe, considere relações muito próximas para basear suas respostas.

- 1- Idade
- 2- Local de Nascimento: Estado/Cidade
- 3- Local de Residência: Estado/Cidade
- 4- Escolaridade
- 5- Você exerce alguma atividade remunerada?
- 6- Renda mensal familiar
- 7- Como é composta sua família? (pessoas que moram com você, ex: Mãe, pai, vó, tia, primos, agregados)
- 8- Você é mãe?
- 9- Se sim, qual a idade dos filhxs?
- 10- Se não é mãe, tem relação próxima a mulheres com filhxs? Que tipo de relação? (Ex: tia, amiga da família, cuidadora, vó)
- 11- Estado Civil
- 12- Em relação a cor da pele, você se considera:
- 13- Você costuma curtir no Facebook conteúdos relacionados à paternidade?
- 14- Você costuma compartilhar no Facebook conteúdos sobre paternidade? Se sim, que tipos de conteúdo (ex: textos, fotos, videos, memes)
- 15- Na sua perspectiva, os conteúdos compartilhados e/ou curtidos por você trazem, ou podem trazer alguma reflexão e/ou mudança nas práticas de paternidade? Como?
- 16- Você conhece/segue alguma página (pessoa pública) que desenvolva conteúdos relacionados a paternidades no Facebook? Quais?

- 17- Você já encaminhou esse tipo de conteúdo para algum pai de sua rede social? Qual a reação dele(s)?
- 18- Para as mães: Os pais dos seu(s) filhx(s) seguem (compartilham, curtem) esse tipo de páginas ou conteúdos? Quais?
- 19- Em relação aos cuidados, como é a divisão de tarefas entre você e o pai do seu(s) filhx(s)?
- 20- Como é a divisão de tarefas entre as mães e pais que você mantém próxima?
- 21- Você já leu/compartilhou/curtiu conteúdos relacionados ao "pai de selfie"? Poderia expressar brevemente seu entendimento sobre o tema?
- 22- Você já leu/compartilhou/curtiu conteúdos relacionados ao "pai presente" ou "pai responsável"? Poderia expressar brevemente seu entendimento sobre o tema?
- 23- Para você, o pai de seus filhxs ( ou pais que você mantém uma proximidade) se encaixam em algum dos "tipos" de paternidade acima? Por quê?
- 24- Caso não mantenha uma relação com o pai de seus filhxs, quando eles estão sobe os cuidados dele, as tarefas e cuidados são realizados exclusivamente pelo pai da criança, ou, mantem uma rede de apoio (ex: avó, irmã, companheira, amigas)?
- 25- Como era a sua relação com o pai de seu(s) filhxs quando descobriu a gravidez, em caso de maternidade biológica (ex: casados, namorados, amigos)?
- 26- Como é a sua relação com seu pai?
- 27- Em relação as suas experiências pessoais, percebe alguma mudança das práticas da paternidade atual com as gerações anteriores (Ex:pais, avôs)?Quais?
- 28- Qual a relevância do pai presente na vida do(s) filhx(s)?